

le ne fay rien
sans

Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

ESTUDOS CRITICOS

POR

SYLVIO DINARTE

(ESCRAGNOLLE TAUNAY)

II

LITTERATURA E PHILOGIA

RIO DE JANEIRO

TYP. DE G. LEUZINGER & FILHOS, RUA DO OUVIDOR 31

1883

ESTUDOS CRITICOS

NANÁ

POR

EMILIO ZOLA

I

Ha tempos, passando por uma loja de livros, vi na vidraça *Naná*. Entrei e perguntei quanto custava.

Pediram-me 4\$000, isto é, o dobro do preço habitual dos romances da edição Charpentier. Vacillei um tanto, porque tenho para mim que um livro de Zola deve sem duvida ser lido, porem não guardado; mas, vencido afinal pela curiosidade, comprei-o.

A leitura que fiz, foi rapida, para não dizer sofrega. Quasi que de uma assentada, devorei aquellas 524 paginas; leitura pungente, cheia de penosas resalvas, arrepios e intimos vexames.

E de facto aquelle vertiginoso perpassar de scenas baixas e lubricas; o chafurdar do pensamento nos mais escusos lodaçoes do vicio; a

exposição crua e cruel da prostituição constituída em elemento dominante na sociedade; o espalhafato de uma volúpia estafada; o estudo minucioso, implacavel, de todos os microbios da podridão moral; tudo aquillo fórma uma série de quadros nauseabundos, mal ligados por frouxa trama, e que os olhos da alma vão contemplando com pasmo e com a anciedade de uma curiosidade doentia, sobrelevada só por inexprimivel mal estar.

Por menos meticoloso que seja o espirito do leitor, ha pressa em acabar semelhante obra. É o acanhamento, a esquivança de quem se sente mettido em local mais que lobrego e procura, envergonhado de si mesmo, embora retido por força estranha, vêr rapidamente tudo, para poder sahir sem dar muito escandalo e sem ter colhido demasiados motivos de arrependimento. O que fica é um desgosto indizivel, repassado de nojo e aborrecimento.

Das paginas d'aquelle livro como que se desprende um cheiro acre, capaz de entontecer valentes cabeças, mixto enjoativo dos aromas mais violentos e d'essas exhalações mephiticas que, nas ruas das cidades populosas, obrigam os transeuntes a accelerarem o passo em busca de ar menos de-leterio, de atmospherá menos carregada de impurezas.

Nem é dado imaginar tudo quanto nos patentêa o autor com a calma e sobranceria de

um philosopho cynico a cumprir com todo o rigor o seu dever de mestre.

Nada o fez recuar.

A poder de immenso talento, de esplendido talento infelizmente, apodera-se Emilio Zola do publico, impõe-se a elle com desdenhosa brutalidade e trata-o com a mesma sem cerimonia e desprezo com que a sua heroina, depravada até á medula dos ossos, mas sem consciencia da sua degradação, tratava os amantes, obrigando-os ás mais inconcebiveis abjecções.

Muito embora queira elle, no desenvolvimento de uma these que já é motivo de oito ou dez volumes, dar a tudo aquillo um cunho quasi scientifico, mostrando as successivas fórmulas de uma determinada evolução no meio da sociedade, e transportando para a litteratura as idéas de Darwin e Haeckel e mais particularmente de Comte e Spencer; muito embora busque illuminar todo aquelle monstruoso edificio com os raios da imprescindivel verdade philosophica, indispensavel ao progresso do homem; a sua rasteira odyssea de *Naná* não póde deixar após si lição alguma; só ha de produzir males Moraes; nada mais é do que um desfile de amores rasteiros, fedendo a vinhaça, cheios de eructações de estomagos empanturrados, e trescalando repugnante lascivia; amores de toda a casta, sem escolha de idade e de sexos; amores que vão da aberração lesbiana

ás ultimas torpezas do bestialismo ; uma orgia sem termo, com episodios repetidos ; uma bacchanal infrene que para o pensador calmo e imparcial representa, antes do mais, a exploração impavida do conjuncto de todas as miserias do corpo social, como meio de ganhar dinheiro, muito dinheiro !

Que pretendeu afinal o chefe da escola naturalista com esse livro, que em poucas semanas contou logo setenta e tantas edições ?

Descrever uma época ?

Profligar o desastroso final do corrupto reinado de Napoleão III ?

De um lado, isto — e ahi se encerra uma intenção de character republicano e propagandista, mas demasiado exagarada e anti-patriotica.

De outro, dar realidade a uma concepção psychologica e physiologica, que nada tem comtudo de original ; isto é, demonstrar que, reunidos certos elementos primordiaes, combinados uns com os outros, amalgamados os vicios, idiosyncrasias e fermentos pathogenesicos de uma familia com o sentimentalismo grosseiro, vago e mal dirigido de outra ; constituido, emfim, o nucleo Rougon-Macquart, uma das suas consequencias naturaes será Naná.

Naná não é um factu isolado ; é uma deducção.

Naná não é uma individualidade separada ; não é um numero isolado ; é o productu de factores que entraram na multiplicação com o seu typo caracteristico bem assignalado.

Naná não é uma planta venenosa que, rajada de brilhantes côres, por acaso nasceu n'uma esterqueira em seguida a enxurradas; é o fructo, amadurecido ao sol da corrupção, de uma arvore gigantesca que deitou galhos em todos os sentidos, poucos para cima, muitos até aos abysmos visguentos do lôdo mais profundo.

Em tudo isto, porém, ha, sem contestação, verdadeiro *parti-pris*.

Se, n'um laboratorio chimico, desarrolharmos simultaneamente todos os frascos que contenham substancias volateis, em pouco tempo formaremos uma atmospherá impossivel para pulmões humanos.

Foi o que fez Zola, e cumpre reconhecer que nos não poupou nenhum d'aquelles ingredientes que, em escala gradativa e infecta, actuam sobre a pituitaria do mais denodado chimico, desde o chloro, com o cheiro peculiar de barata esmagada, até ao sulphurato de ammonia, cuja classificação fétida só é permittida em paginas de severa sciencia, ou n'um livro de feição puramente naturalista.

Por este processo constituiu Zola mais ou menos, e com facilidade para os seus planos, a familia Rougon Macquart, que, no fim de certas combinações ou manipulações, produziu a pustula moral chamada Naná, do mesmo modo que n'um organismo inficionado com medonho virus se originam placas mucosas e tumores gommosos.

Ha pouco fallámos em patriotismo. Perante as idéas que surgem com a exaggeração apaixonada e perigosa das imposições impetuosas, quasi explosivas, é esse sentimento um preconceito, cuja destruição muito ajudaria a marcha da civilização.

Que os excessos do patriotismo são máus e uma causa perturbadora do progresso, de accôrdo. Nós mesmos já soffremos d'esse mal, cahindo nas ridiculas e balofas declamações e hyperboles do *brazileirismo*, e a França pagou cruelmente as fanfarronadas do seu leviano *chauvinismo*; mas tambem de subito passar ao extremo opposto é dar de barato essa immensa força das nações; contra o que devemos protestar.

Se ha livro, comtudo, que faça descrêr da França, é esse: é *Naná*.

Já tivemos, entre parenthesis, uma amostra, embora de character limitado, da inconveniencia d'esses estudos naturalistas que generalisam factos destacados e, de um typo quasi sempre máu e odio collocationado em circumstancias especiaes, inferem a feição, a expressão ultima e completa de uma classe, de uma sociedade inteira e até de uma nação.

Em Portugal escreveu Eça de Queiroz, com penna notavel é certo, o *Crime do Padre Amaro*, reflexo tambem de Zola.

Passe por aquelle paiz um viajante de espirito sagaz, dotado de grandes qualidades de

apreciação, mas um tanto facil em suas observações, e d'esse livro que lhe agrada e lhe parece denunciar um esforço consciencioso, faz a base de todo o seu estudo sobre o clero portuguez.

Está presentemente Zola impressionando o mundo inteiro, do mesmo modo que Eça de Queiroz impressionou a princeza Rattazzi.

Se, na realidade, a sociedade franceza é aquella que elle nos deixa entrever, quando por momentos desvia os olhos da sua heroina, ou, melhor, do corpo nú e insaciavelmente estudado d'aquella vil prostituta; se na classe elevada, se em todas as camadas do povo francez, actuam só os estímulos que elle nos descreve, então a França é uma nação irremediavelmente perdida — *finis Gallie*.

Dirão: mas aquillo era no tempo de Napoleão III.

Ahi, porém, se erguem implacaveis os mesmos principios naturalistas para responder. Causas prolongadas e intensas são como enfermidades chronicas e perigosas, enraizadas no organismo. Chega um ponto, em que as funcções physiologicas se tornam impossiveis, e a unica solução é a morte, o aniquilamento.

Para alguns espiritos fortes, d'esses que se collocam acima da moralidade do seu seculo, a asseveração talvez pareça pueril; mas para mim, Zola procede como um máu cidadão.

Quando, com effeito, a França está, para assim dizer, sitiada na Europa; quando ella precisa inspirar a si mesma, e a todos os povos da terra, estima, confiança e respeito, apresental-a debaixo de semelhantes aspectos, desvendar tamanhas desgraças, mostrar uma por uma as cordas apodrecidas da sua fibra corroída, é obra de um espirito pernicioso; é ajudar o trabalho dos inimigos da patria e acoroçar as esperanças de sitiantes, que vêem, na infrene corrupção da praça cercada, o finalizar de uma resistencia, que promettia pelo menos durar muito tempo.

Romancistas francezes, não direi melhores, mas emfim mais patrioticamente inspirados, buscaram transportar para a Allemanha o systema de Zola, e foram estudar a sociedade germanica sob o ponto de vista da dissolução de costumes. Os livros, porém, que produziram não tem, nem tiveram repercussão, ou porque não traziam o eminente cunho litterario das obras do modelo, ou porque os seus auctores não acharam de facto alli o que procuravam na tonalidade indispensavel para os grandes *successos* de escandalo.

II

O que é certo, porém, é que Naná tem a seus pés Pariz; Pariz que se nos afigura, pelo prisma de Zola, um *mare magnum* de purulencia.

Mas que Pariz é esse?

O Pariz que trabalha dia e noite, que estuda sem cessar, que pensa á bem do mundo em peso, que inventa, que transfórma? Pariz, que é a cabeça da França, o pharol da civilisação, o laboratorio das grandes concepções, o calido seio das sinceras generosidades? Pariz, d'onde irradiaram e irradiam todas as idéas valentes, justas e irresistiveis, que guiaram o homem pela estrada da liberdade?

Pariz, que dá hoje á humanidade um dos mais nobres e corajosos exemplos?

Não ha duvida, que a agitada metropole, a nova Babylonia de Bismark ha de encerrar em seu enorme bôjo muitas das monstruosidades moraes que Zola nos pinta com magistral indecorosidade; não ha duvida, que alli pullulam aquelles vibriões e bacterios da crapula, Vandeneuve, la Faloise, Labordette, Bordenave, Fontane e outros; alli formigam aquellas filhas da lama e da orgia, Saphir, Gaga, Lucy, Zoe, — todos elles typos mais asquerosos nos seus requintes de civilisação do que os desbragados heróes do *Assomoir*, e que gyram em negro turbilhão ao derredor de Naná, monstro de luxuria, minotauro femea, a grande prostituta do Apocalypse « cercada de escarlata e de purpura, adornada de ouro e de pedras preciosas e de perolas, cheia de abominação e de immundicie, trazendo escripto na

testa o nome MYSTERIO e que subira do abysmo para ser precipitada na perdição » (1) ; mas tambem ao lado d'elles, ha meios de compressão da maior energia, poderosissimas forças que batem de frente e com indomita coragem as tresloucadas tentativas da perversão, nos arrancos do supremo desvario.

É uma contenda perenne; gigantesco arcar de todos os dias, de todos os momentos ; uma d'essas luctas colossaes, ideadas por Milton e atiradas pelo seu genio nos espaços immensos ; lucta de que o Oceano póde ser, na vastidão da sua calma apparente e no sinistro dos seus mysterios, a representação fiel e grandiosa!

Se o autor de *Naná* houvera indicado esses dous lados, essas duas feições de Pariz que intentou descrever, teria feito um livro ainda assim prejudicialissimo, mas enfim encarado a these de um ponto de vista largo, mais proveitoso para o leitor e sobretudo menos arido para o pensador.

Como todo o litterato naturalista porém, ou, melhor, como o *dalai-lama* da escola do ultra-realismo, parece deliciar-se tão sómente na contemplação dos phenomenos teratologicos, quer de ordem physica, quer moral. Está já muito longe de Feydeau, que entretanto merece alguma confiança aos adeptos dessa escola, de Feydeau que dizia com razão aos seus discipulos :

(1) APOCALYPSE.

« A humanidade não está totalmente podre: tem, como o sol, manchas, mas também, irradiações e calor. É o antagonismo do mal e do bem, a contraposição do bello e do feio, dos vícios e virtudes e é isto que constitue a verdade e o interesse dramático. Todo aquelle que não vir na existencia senão o mal e o feio, mostrar-se-ha tão destituído de discernimento, como o que n'ella só achar o bem e o bello. Um será zoroastro do lado direito, outro do esquerdo. »

Esta falta de discernimento é na verdade o maior defeito de Zola e de quantos lhe seguem os passos. São elles por isso uma derivação genealogica d'aquellas creações extravagantes e estapafurdias de Victor Hugo, os Bug Jargal, Han de Islandia, Quasimodo, Gwinplaine e outros, verdadeiros monstros na fórma, que, melhorados plasticamente, mas com radical prejuizo da sua natureza esthetica e moral e despídos da selvatica e primitiva grandeza, figuram nos livros naturalistas como typos e representantes das tendencias e aspirações das sociedades hodiernas.

Em toda essa producção do autor do *Assomoir*, não ha um só personagem, já não quizeramos nobre e digno, mas pelo menos credor de alguma sympathia. Entre tantas individualidades que agora nos mostra n'aquelles vastos quadros do vicio, não ha uma unica que nos não mereça desprezo, desde o conde Muffat, com suas vergonhosas fraquezas,

até Jorge Hugon, com as suas imperdoáveis leviandades.

Todos estão marcados, como galés e reprobos, com o stygma ferrenho da indignidade.

Duas unicas passam, á maneira de ligeiras sombras, um pouco menos accentuadas, mas quanto baste para nos infundirem um movimento intimo de desconsolação.

Uma é Irma d'Anglars, cuja velhice honrada e cercada de homenagens parece recompensa de uma vida de virtudes. Mas quem é Irma? Nada mais, nada menos, do que depravada e espertalhona *cocotte*, que soube enthesourar alguns bens e em tempo retirar-se da scena das suas proezas.

Outra é o herdeiro de um dos thronos mais illustres e ostentosos da terra; e, na verdade, se algum dia a inconsideração e o pouco caso dos outros e da propria posição foram bem castigados, é n'aquellas linhas em que apparece, com toda a naturalidade de quem lá devêra figurar, uma alteza real envolvida em nojentas historias—condenação mais cruel que por ventura se impôz, não tanto a um principe, quanto a um homem de educação.

Têm ellas de certo outro merito: é tirarem prestigio ás visitas familiares de tão importante summidade e ao seu comparecimento em jantares de character mais ou menos intimo; o que, comtudo, tem-nos sido por vezes annuciado de Lon-

dres, pelo telegrapho e pela imprensa, como successo digno de nota e assignalamento de especial e invejavel distincção.

III

Aceitemos, porém, que Zola quizesse pintar a prostituição nas suas mais estrondosas manifestações. Será Naná o typo da classe? Evidentemente não.

Naná é uma excepção, como já dissemos, e excepção que para produzir-se precisa da desorganisação anomala de uma sociedade inteira, da debandada mais completa de costumes.

Sem instrucção alguma, sem talento, sem plano feito, empuxada por seus impetos meramente instinctivos, alguns até bons, outros que o autor denomina sublimes, de belleza duvidosa, prendendo os homens só pela impudicicia, é ella uma d'essas creaturas de organisação meio impossivel, meio fantastica, fôfa, molle, visguenta « visgo amassado com odio » (¹) cartilaginosa, mais do que nunca o polvo de Victor Hugo, atirando os seus tentaculos armados de quatrocentas pustulas que são outras tantas ventosas, com as quaes chupa a ultima gotta de sangue das suas victimas, exaurindo-as com rapidez, para buscarem nova presa.

« Sobrepõe-se-vos o animal por meio de mil

(¹) VICTOR HUGO.

bocas infames ; incorpora-se a hydra ao homem ; amalgama-se o homem com a hydra. Não formam mais que um corpo. Tendes sobre vós um peso delo ! O tigre o que póde é devorar-vos ; o polvo, horror ! aspira-vos. Puxa-vos para dentro de si, mette-se em vós, e, ligado, engulido, impotente, vós vos sentis envasado pausadamente n'aquelle sacco espantoso, que é um monstro. (1) »

Às vezes, parece o monstro ter generosidades ; como que sente bater o coração. Entrega-se gratis ; entrega-se quasi por amor ; mas os desgraçados que lhe sentem essas caricias são ainda mais infelizes do que os viciosos que as têm por seu dinheiro. Inoculam em si o virus que lhe corre nas veias ; são presa irresistivel da luxuria e formam o sequito d'aquella serêa que parece cumprir um destino fatal : contaminar a tudo e a todos.

Aviltam-se mais que podem ; sujeitam-se a tudo, comtanto que não saiam d'aquella atmosphera pestilencial, fóra da qual não acreditam mais possivel a existencia....

Se o livro é tão máo, porém, para que nos occuparmos com elle, augmentarmos ainda, por meio da censura e do reparo, o estrondo que o acolheu ? Todas as criticas que se lhe fizerem, nada mais conseguem do que apressar a venda, que já tomou proporções enormes.

(1) VICTOR HUGO. — Trabalhadores do mar.

É isto, com effeito, verdade ; mas um livro como *Naná* é credor de exprobrações sinceras, de recriminações leaes, duras e vehementes, quasi anathema, porque traz comsigo o sello de pasmoso talento.

São paginas escriptas com uma animação vivaz e exaltada, e por isso mesmo tanto mais perigosas e deleterias. O intento do philosopho — se philosophia ha alli — fica obumbrado por todo aquelle luxo admiravel e detestavel de descripções, que a mocidade de certo não póde lêr sem commoção.

Não é um d'esses livrinhos obscenos que o mancebo devora ás escondidas, porque n'elles nada ha que os recomende. Não ; em *Naná* a fórma litteraria ostenta tão grande e indiscutivel valor, que parece dever servir de possivel desculpa áquelle pernicioso systema, arvorado em conhecimento do mundo e do coração humano e prégado como necessidade social.

Difficilmente se encontrarão trechos tão notaveis, tão cheios de vida, palpitantes e incisivos, de tão perfeita exactidão photographica, como nas scenas a que de roldão nos leva o exuberante poder descriptivo de Zola.

As corridas do grande premio de Pariz, quando a multidão em peso acclama delirante a egua vencedora e a meretriz que triumphava ; a morte de Naná, coberta de variola confluyente, contraposta ao entusiasmo imbecil do povo, que impetuoso

corria por baixo das suas janellas, berrando *à Berlin, à Berlin!* desmoronamento simultaneo de duas podridões; tudo aquillo está pintado por mão de mestre.

É um deslumbramento!

Convém saber vencê-lo. Convém, antes que sejamos de todo avassalados pela onda que sobe, pôr tropeços a semelhantes conquistas que não podem ter justificação.

Convém, pela lição e pela analyse, arredar os incautos e imprudentes dos cogumelos iriantes, resplendentes das mais vivas côres, cheios de venenosos attractivos, que, nascidos nos monturos, excitam o appetite e os desejos da inexperiencia e da gula.

Destinemos, quando muito, tal livro para o estudo dos sabios e curiosos de tempos futuros, bem distantes de nós; do mesmo modo que aos nossos de hoje servem as producções de Petronio, Apuleio, Aretino e outros, para os quaes reservou a posteridade uma reputação especial e equivoca e que, em nossas estantes, têm um logar bem escondido, por traz de obras mais decentes e apresentaveis.

O unico inconveniente, aliás sem grande importancia, será então o juizo falseado e erroneo de meia duzia de investigadores a respeito da sociedade e do seculo, em que viviamos, nós outros contemporaneos de Zola e dos seus aproveitados discipulos.

IV

Uma das batalhas em que se empenhou ardentemente a escola naturalista, é a transformação da linguagem. Quer também fazer passar a phraseologia pelas phases de uma pretendida evolução, e para isto a rebaixa ao nivel das excavações, a que de corpo e alma se entrega.

Em *Naná* a palavra que Victor Hugo pôz ousadamente na bocca de Cambronne para disparal-a como metralha sobre os esquadrões da cavallaria ingleza em Waterloo, e que em 1862 causou na litteratura tamanho alvoroço; a palavra que a susceptibilidade de Lamartine presentia com pieguice muitas paginas antes de a encontrar, essa a cada instante se espalha em todo o correr do livro, declinada e conjugada em todos os seus casos, modos e tempos.

E talvez seja uma das mais innocentes.

Toda a gyria do Pariz prostituido é imposta ao leitor que, não poucas vezes, ha de conhecer a significação do vocabulo pelo sentido da phrase.

E estavamos ameaçados de muito mais, se não houvesse morrido o filho de Naná chamado Louiset, criança cachetica, corroida desde os primeiros dias da sua vida intra-uterina pela syphilis, que se lhe estampava no rosto esqualido, coberto de ecthymas e roseolas. Mui provavelmente Zola não se achou habilitado para a investigação da evolução

d'essa *interessante* creaturinha, privando-nos de uma enxurrada terminologica, já scientifica, já da mais nojenta procedencia.

É um veneno que se infiltra depressa e facilmente, esse propinado pela escola naturalista. Á fusa de expressões vigorosas, technicas e, diz ella, insubstituíveis, vamos aceitando convenções de linguagem apanhadas no lodaçal das ruas, constituindo-as em meios indispensaveis ao uso geral e, com um sorriso alvar de superioridade, assistindo ao naufragio da bella lingua de Malherbe, Corneille, Racine e Lafontaine, a qual tão bem se amolda a todas as necessidades do pensamento, a todas as exigencias das sciencias, lettras e artes, a todas as manifestações do espirito humano, desde as transcendentés abstracções da mathematica superior, até ás graciosidades do puro atticismo, que as exprime com tanta exactidão e elegancia, e, finalmente, as populariza por todo o mundo, dando-lhes vida immorredora.

Cumpre pôr peito á corrente.

É tempo de sobra !



OS REIS NO EXILIO

POR

AFFONSO DAUDET



I

Eis o livro que com a *Naná*, de Emilio Zola, mais applausos colheu em Pariz no anno de 1880 e mereceu logo repetidas edições. Não foi, como o outro, positivamente um *successo de escandalo*, e não attrahiu portanto, dentro e fóra da França, leitores tão avidos e numerosos; mas tambem tirou de varias causas, um tanto alheias á alçada méramente litteraria, os motivos da sua lisongeira aceitação em muitos circulos.

Foi, em summa, um bom negocio para o autor e o editor, isto é, para Daudet e Dentu; e semelhante consideração é hoje de muito peso no mundo das letras.

Estamos entrados n'um periodo de *positivismo secco* e incisivo, não conforme á concepção séria e honesta do eminente philosopho Augusto Comte, mas do positivismo do *pão, pão, queijo, queijo*, da

phrase popular applicada em todo o seu elasterio, muito mais no sentido material e deprimente, do que no moral e elevado como significação de lealdade e altiveza.

Hoje em dia é bom o livro que se vende e chama compradores; não presta aquelle que não tem prompta extracção; de maneira que o metal sonante alçou tambem, nas provincias da litteratura, a voz argentina e poderosa como arbitro supremo.

Quem estabeleceu com arrogancia e crueza esta regra, foi Emilio Zola nas suas apreciações sobre os escriptores mais modernos da França, em uns artigos destinados a um jornal de S. Petersburgo e reproduzidos no *Figaro*, com sobresalto e indignação dos litteratos, que n'elles figuravam.

Tal livro, dizia o chefe da escola naturalista, não teve senão uma edição—tire-se a conclusão; pouco vale. Tal outro, pelo contrario, recommenda-se por dezenas de edições. E por ahi foi, não se esquecendo de fazer tinir as quantiosas sommas que os seus romances experimentaes e physiologistas mettiam annualmente no bolso do afortunado editor Charpentier, a quem cabe a felicidade de publicar tudo quanto sahe da sua penna de ferro.

E o negocio floresce, pois essa casa constituiu-se centro monopolizador de todas as producções de feição naturalista, de modo que, além das obras de Zola, derrama com profusão as elucubrações

mais ou menos sujas e indecorosas de Guy de Maupassant, Huysmans, Henrique Céard, Molèdes, Paulo Alexis e outros *ejusdem furfuris*.

Alli, pois, rua Grenelle Saint Germain n. 13, é que se acha a fonte d'onde decorre, a inundar o mundo que lê e a emporcalhar a imaginação da mocidade, aquelle luxo de descripções de todas as miserias que assaltam a triste humanidade e sobre as quaes paira sempre e obrigadamente, como irresistivel engodo, o sopro lethal da mais infrene lubricidade.

A todos pareceu *Naná* um impeto de insolente arrojo. Pois bem: os mestres da escola naturalista atiraram já a barra mais longe, e, n'um livro posterior — *Les soirées de Médan*, deram aos seus discipulos, espalhados em todos os pontos do globo, exemplo de cousa muito mais apurada. N'um dos contos, a legitima heroína é uma formidavel diarrhéa de sangue, que persegue a um pobre recruta. Só por ahi se vê o que deverá sahir de assumpto tão delicado e interessante.

Por Deus! O desmando litterario, a titulo de verdades proclamadas por talentos mais ou menos toleraveis, vai tocando as raias. Urge que algum espirito regenerador empunhe, como desejado Messias, um bom açoute e expulse, a vergastadas, do templo das lettras, todos esses desgraçados e gananciosos vendilhões, bufarinheiros de profissão!

Por emquanto, porém, essa regra da *compra*

e *venda*, que aliás pode ser hoje base de apreciação, domina com imperio, embora se torne fallivel para quem queira guiar-se só por ella no meandro de livros de toda especie, que nos vem do grande laboratorio parisiense.

Alguns ha, recommendados por innumeradas edições, que fôra de toda a vantagem deixar de lado; ao passo que outros, com apparencias mais modestas, são merecedores de leitura. Por exemplo, de alguns annos para cá, um tal Alexis Bouvier atira ao mercado grossos volumes, que contam logo seis e mais edições. Pois tudo aquillo é notavelmente enjoativo, escripto sem talento, *sans rime ni raison*—nenhum vislumbre de these, de plano preconcebido, um mistiforio de aventuras rocambolescas e descripções luxuriosas da escola naturalista.

Na *Grande Iza*, *Belle Grêlée* e outras obras de igual quilate, não ha estylo, invenção, enredo, espirito, cousa alguma emfim, a não ser tal ou qual habito, para assim dizer mecanico, de escrever e dialogar.

Em geral o muito que nos vem n'estes ultimos tempos de Pariz, no que se chama com restricção litteratura, e quasi exclusivamente se encerra no genero romance, em nada se recommenda como meio de adiantamento intellectual, e ainda menos moral.

Ja que não ha, comtudo, remedio e devemos

aceitar a presente evolução do espirito universal, cumpre ter algum cuidado, até por simples contemplação do muito tempo perdido, na escolha d'aquillo que não seja radicalmente máu, ou se recomende por qualquer lado.

Impossivel parece, de certo, ser menos exigente. Eis o perigo ! exclamaráõ os intransigentes ; nada de concessões !

Dizel-o é facil.

O mundo hoje, mais do que nunca, faz vezes de caudalosa torrente. Tudo quanto a não acompanhe é logo atirado á margem, seguindo ella o seu curso irresistivel e indifferente.

De que serve estar bradando, solitario ou cercado de poucos, n'uma das barrancas do grande rio, quando a geração a que pertence o desazado moralista já está muito longe e totalmente fóra do alcance da sua voz e das importunas lições ?

Sigamos, pois, de envolta, buscando de vez em quando levantar a cabeça, resistir e protestar.

II

Estamos promptos para largas contemporisações.

Aceitemos, apesar de todos os seus inconvenientes, o que escrevem, hoje em dia, Quatrelles, Noriac, O'Monroy, Audebrand, Flavio, e outros que seguem as tendencias mais que livres de Gustavo

Droz, porque afinal elles têm espirito; aceitemos muitos livros que se abrigam á sombra da maxima de Boileau, um tanto esticada,

Tous les genres sont bons, hors le genre ennuyeux;

mas repillamos com energia tudo quanto queira impor-se-nos unicamente pelo cynismo com que disseca os assumptos mais escabrosos, mais arduos em sua indecencia, explorando só os ambages d'esse terrivel labyrintho em que gyram os homens — a luxuria.

N'esta especie, guardou a Inglaterra admiravel e nunca assás louvada independencia. Os seus romancistas, se se desviaram um tanto da maravilhosa senda aberta pelo genio placido e luminoso do immortal Walter Scott, não cahiram em charnecas e mephiticos paúes. Voltaram-se para Richardson, Swift, Fielding, Goldsmith, Edgeworth e Inchbald e produzem cousas lindissimas, cheias de palpitante interesse, de delicado sentimento e vivacidade de acção, destrinçando e por vezes aprofundando todos os assumptos, sem as torpezas e infamias dos intitulados estudos da escola franceza, com applicação a todos os povos da terra.

Se já não existem o inimitavel Dickens, o humoristico Thackeray, o aristocratico Bulwer Lytton e outros espiritos eminentes, finos observadores do homem, e principalmente do homem

inguez — contam-se ainda pennas como a do illustre Disraeli, do imaginoso Wilkie Kollins, de Melville, Grenville Murray, Gaskell, Lawrence Bronte, Braddon, Trollope, Smith, Fullerton, Lever, Kingsley, Mr. Oliphant, da polemista Ouida, sobretudo de Jorge Elliot e de muitos e muitos escriptores, que nos propiciam leitura divertidissima e sempre digna de nós, ao encararem todas as theses sociaes.

E se a Grande Bretanha resiste á influencia deleteria que irradia de Pariz, é que a fecundidade pasmosa dos seus auctores favoritos — aos quaes paga, e ahi com toda a razão, generosamente, — impede a invasão dos productos inferiores, que a França atira todos os annos ao mundo civilisado, como pasto capaz de bem nutril-o intellectualmente.

A Allemanha, embora tenha alguns nomes dignos de nota na especialidade, como o idyllico Bertholdo Auerbach, Freitag, Gerstacker, Hackländer, Theodoro Mundt e sua mulher Clara Mundt, Gutzkow, Mügge, o autor de um lindissimo romance *Afraja*, de costumes laponios, que recommendo com instancia, Hauff, os judeus Sacher-Masock e Kompert, Immermann, e alguns mais; a Allemanha, n'este genero, não tem uma feição tão caracteristica e assignalada, além de que é, pela sua indole pensante, levada para outras manifestações da actividade litteraria.

É pois incontestavel que, por meio dos seus romances, a França dominou e domina sem rival as nações de procedencia latina; e nós no Brazil constituimos um dos centros vantajosos á extracção dos livros, que de lá sahem a fazer a volta do globo.

III

Acredito que n'isso vamos muito além de Portugal.

Entre nós, é a lingua franceza mais espalhada e familiar, de modo que as classes um pouquinho instruidas dispensam logo traducções e lêem os autores no original, o que n'estes ultimos tempos, com a insolente invasão da *gíria* dos *boulevards*, os obriga por vezes a não pequenos esforços.

Estamos, pois, quasi que directamente debaixo da influencia das idéas parizienses.

O *Crime do Padre Amaro* foi para Portugal a revelação de E. Zola, quando no Rio de Janeiro já era muito lida e commentada *La Faute de l'abbé Mouret*.

Outra observação.

Parece que a escola naturalista tem deitado mais fundas raizes no espirito portuguez, embora lá haja grandes, leaes e sãs resistencias. Alli se

filiou ella mais ao discipulo — Eça de Queiroz — do que ao mesmo mestre francez.

Com effeito, Bento Moreno mais particularmente se chega ao escriptor lisbonense, do que ao de Pariz; de maneira que é um raio já em dupla refração, isto é, conserva muitos dos defeitos e escurezas do naturalismo francez, sem d'elle ter a vivacidade e exercer sua tal ou qual fascinação.

E vem aqui a pello uma observação, que assignala um cunho significativo nos estudos experimentaes de origem portugueza. Ha tempos conversava eu com Joaquim Serra, espirito attico muito agudo e excellente juiz em questões litterarias.

É a insistencia monotona, cansativa, com que os escriptores da nova escola de Lisboa fallam em roupas sujas e servidas e as descrevem. Não dispensam nos seus quadros micrographicos a apresentação de um par de meias, de ceroulas e saias, e rarissimo é, uma vez entre mil, que estejam apenas lavadas!

Quando até querem dizer bem de uma mulher, realçando-lhe o prestigio plastico e esthetico, contam-nos que d'ella se desprendia um cheiro penetrante e convidativo: o de vestes limpas e pannos que foram passados a ferro.

Eis ahi um aroma que Pinaud e Atkinson ainda não puzeram á venda como elemento de

seducção, provavelmente porque entendem (atravados perfumistas!) que a primeira condição de attractivo nas mulheres e obrigação elementar, é usarem roupas asseadas.

Fazer de uma circumstancia primordial particularidade de distincção, lembra aquelle seductor de que falla Casanova em suas abregeiradas *Memorias*, o qual se queixava que no geral o bello sexo rescendia mais ou menos acremente a condimentos de cozinha. O homem só andara por tascas e bodegas, a cortejar gordurosas Mariornes.

A escola lisboeta zolista não póde conceber uma criancinha sem a fralda da camisa de fóra; estuda com minucia o homem e a mulher nas roupas do seu uso intimo, encontra-as quasi sempre de limpeza mais que duvidosa, e d'ahi tira *preciosas* illações para investigações moraes e psychologicas.

Tudo isto arreda-nos, porém, de modo inconveniente ao bom methodo e sobretudo á fórma, do assumpto, que queremos agora tratar.

Mais este perigo da escola naturalista, d'essa escola que, se de facto estuda a natureza, não a contempla como deve ser ella contemplada, isto é, de frente e com lealdade; mas vai observal-a pelas costas, *à rebours*, dando mais importancia á cauda do animal do que á sua cabeça e face.

A desculpa é logo immoral.

Para combater essa legião desabusada que vai crescendo em numero, temos todos que fazer de principe Rodolpho, nos *Mysterios de Pariz*, e irmos em mangas de camisa aos escondrijos mais escusos e asquerosos e alli jogarmos o *box* e esmurrarmo-nos, voltando de taes expedições meio arranhados e principalmente nada cheirosos.

Não ha remedio senão baixarmos ao terreno a que nos levam transviados e petulantes escriptores, que buscam subordinar o movimento litterario ás suas desregradas concepções e revoltante phraseologia, erigindo-as em principios constitutivos da nova religião do pensamento.

IV

Representam, pois, como diziamos, preponderante papel na litteratura pariziense de hoje, a segura e rapida extracção do livro posto á venda e os grandes lucros pecuniarios auferidos em pouco tempo— influencia até certo ponto natural e justa, comtanto que a ella não se sujeitem todas as mais causas de inspiração.

Eis um perigo de que estamos por cá livres, e bem livres. Pelo contrario, no Brazil parece que cada vez menos se lê, menos se produz; e os poucos representantes das lettras brazileiras, que ainda estão na estacada a luctarem, só acham nos possiveis editores esquivança e retrahimentos.

Depois de curto periodo de tal ou qual agitação litteraria, cahiu-se em calmaria podre, até ficar o nosso mercado totalmente avassallado pela inundação das pessimas traducções de quanto livro máo apparece em Pariz, e cuja barateza desculpa a descurada impressão no mais reles papel.

Se assim é com romances, o que não será com obras mais serias e de character scientifico? Verdadeira lastima!

Pretende o Sr. Garnier, e elle deve ter boas razões para formular esse juizo, que as calamidades climatericas do Norte muito influiram para o estado deploravel a que estamos chegados, havendo desaparecido quasi toda a freguezia do emporio de livros de producção nacional. Faça-se em tempo justiça a quem a merece.

Hoje não ha como sacudir o desconsolador lethargo em que vivemos, e só por essa instigação intima e poderosa de que nos falla o poeta: « *Est Deus in nobis, agitante calescimus illo,* » só por isto, é que alguns raros espiritos ainda se abalançam a entregar, de vez em quando, aos prélos um ou outro fructo da sua imaginação ou dos seus estudos.

Na Europa qualquer livro, por menos interessante que seja, colloca-se em condições de ser procurado e lido; aqui não ha razões de excellencia que o recommendem, quando não venha de fóra. Para o seu autor é um pesado onus, quando não se torna causa de continuos vexames o querer

impingil-o aos amigos e conhecidos por meio de subscrições.

Parece que por Portugal vai se dando quasi o mesmo. Alli ha, sem comparação possível, muito mais actividade litteraria, mas toda voltada para o jornalismo, e, como diz não me lembro quem, talvez Caro, « o jornal mata o livro ». O certo é que intelligencias privilegiadas, como Pinheiro Chagas, Ramalho Ortigão e alguns outros, deixaram de produzir obras e hoje se dedicam de corpo e alma á imprensa barata, publicando, por necessidade da existencia material, optimos artigos sem duvida, mas que representam uma pressão do momento e não podem ter senão vida muito curta. Nos intervallos da penosa tarefa, fazem ás pressas volumes e volumes de legitima fancaria ou traduzem Ponson du Terrail e Adolfo Belot.

Deixemos, porém, Portugal e Brazil e voltemos a Pariz, onde as letras dão fortunas de nababo.

É, pois, o objectivo fascinador de quem maneja uma penna mais ou menos fertil e notavel, ganhar dinheiro, muito dinheiro, para si e para os editores, que se transformam em sagazes exploradores dos talentos bem aceitos.

Á medida que o autor idêa o romance ou drama, que tem em mente ou lhe foi encomendado, é conveniente que de continuo pense n'um ponto primordial: impôr-se á attenção do publico, dominal-o e sobretudo arrancar-lhes os cobres.

Mas qual o meio?

Fazendo lealmente o seu officio de escriptor?

Por ahi irá mal.

Na avidez de sensações que distingue a época, um dos melhores meios, senão o melhor, é o escândalo.

Pois bem explore-se o escandalo!

Uns manipulam-o sem o menor constrangimento, com mão de mestre, *brutalizando* o seu leitor, escarnecendo d'elle e acabando-lhe com as *falsas* e velhas susceptibilidades, logo capituladas de perigosas pêas ao progresso social, politico e até moral. Esses são os mais applaudidos.

Outros, trabalhados talvez por intimo acanhamento — restos de educações tacanhas e mal dirigidas — procedem com mais cautela; douram a pilula que querem fazer engulir e ainda têm certa timidez, que os impede de chafurdarem de uma vez o real talento, bem em cheio na lama.

Não são naturalistas e experimentaes emeritos; mas estão n'um periodo de transição e sobretudo concessões. Demoram-se algum tempo em territorio limitrophe, parados como Julio Cesar junto ao Rubicon, sem saberem se devem transpol-o ou recuar.

Podem fazer obras de grande valor litterario e sentem-se dispostos para tanto, mas tambem o dinheiro tem irresistiveis fascinações e os editores não se descuidam de tental-os mephistophelica-

mente por todos os modos. Com eloquencia segredam promessas, que germinam logo como sementes em solo preparado para as receber.

Achei-me em Pariz com alguns e, por trez ou quatro vezes, d'elles ouvi a mesma linguagem. Um chamado Dreyfous, depois de ter lido o livro que eu lhe propunha para editar, disse-me: « Com effeito, é interessante em alguns pontos; mas não se póde contar com a venda. Olhe, escreva n'este gosto, e prometto-lhe boas condições. »

Apresentava-me um romance sahido de fresco dos seus prelos — *La Grande Iza*, de Alexis Bouvier.

E accrescentou :

« É o que aconselho aos moços que querem fazer carreira. »

Presentemente, teria ainda melhor modelo que inculcar: — *La Jambe d'Irma*, por exemplo, de um tal Emilio de Molèdes, historia de uma mulher cortada em pedaços, e cuja perna dá causa a grandes aventuras, lardeadas de scenas de satyriasis e hydrophobia.

E o autor declara no prefacio que o seu systema, a sua escola, é « *conciliar a estima dos criticos que o julgam e o applauso do numeroso publico que o lê e lhe dá provas de apreço.* »

Já conta o livro perto de 20 edições!

Não falta, pois, quem tome á risca aquelles conselhos e se atire avidamente á conquista de reputação, embora equivoca, e de boas quantias de

dinheiro. São mineiros que exploram um veio metallífero, obsequiosamente apontado como occasião de alcançar-se prompta independencia.

V

Entre esses, dous ha que se distinguem por dotes não vulgares de escriptor, sobrelevando a todos os mais: Affonso Daudet e Zola; este já muito longe do Rubicon das conveniencias que pulou sem hesitação, quando julgou chegado o momento de pular, desembestando pelo campo do naturalismo; aquelle, ainda irresoluto á margem do symbolico corrego, a avançar e retrogradar, sem conseguir accentuar a sua posição na litteratura contemporanea.

Um affirmou o seu typo caracteristico clara e definitivamente: é o chefe de uma escola, uma verdadeira bandeira — trapo se quizerem — mas ao redor da qual se agrupam trabalhadores mais ou menos convencidos e decididos no emprego dos grandes meios.

Assentou algumas theorias scientificas como base das suas creações imaginarias, tomou feição pedantesca, muito ao sabor das intelligencias superficiaes e consequentemente vaidosas, e vai por ahi fóra, fazendo disseccão do corpo social, como se fôra um cadaver, já meio putrido, em cima de uma mesa de anatomia, Encontra, pois, muito

mais frequentemente bostellas, pustulas, microzoarios e microphytos, do que porções sãs e livres de infecta podridão.

O outro não.

Tem talvez mais talento que Zola, espirito de observação mais analytico e, portanto, mais exacto na apreciação das cousas humanas, estylo mais igual, estylo todo seu, nervoso, scintillante e possui a chronica de Pariz na pontinha dos dedos ; mas, pela posição dubia que assumio, não tem de certo influencia comparavel com a do seu rival em reputação.

Vê-se que é um espirito superior que poderia pôr peito á corrente de desmandos que vai levando as lettras, e entretanto deixa arrastar-se pela vertigem da moda e do momento, em vez de contrarial-a e fazer-lhe frente.

Possue, comtudo, elementos bastantes para imprimir-lhe outra direcção. Não quer, porém, e ptefere correr uma especie de *steeple-chase* com Zola na aceitação publica.

Accentuára uma personalidade distincta logo aos primeiros passos e ganhára bons triumphos com os seus *Contes du Lundi*, *Lettres de mon Moulin*, *le Petit Chose*, *Fromont Feune et Risler aîné*, *Jack*; mas não se contentou com os applausos que grangeára e atirou-se tambem á *exploração* do escandalo no *Nababo* e nos *Reis em exilio*.

Zola falla em these do vicio e então é de

uma crueza implacavel. Daudet o individualisa e com as suas delicadezas dá-lhe um resaibo especial, occultando debaixo de fina gaze os typos em que elle se encarna, typos que existiram, ainda existem, e que figuraram e figuram nas artes, nas lettras e no *high-life* da moderna Babylonia.

Nos primeiros dias do apparecimento do *Nababo*, divertia-se a grande capital em decifrar aquella transparente charada, mettendo bem em cheio o olhar na vida intima de personagens que, segundo consta, haviam protegido o auctor e dado-lhe meios de vir á tona da sociedade. Nada ficára no tinteiro; nem sequer as pilulas do Dr. Jenkins, que tão singularmente abriram as portas da bohemia a uma das mulheres mais caprichosas, intelligentes e nevroticas de Pariz e do mundo.

Nos livros de Zola ha ainda abstracções e caracteres em globo; nos ultimos de Affonso Daudet, tudo é pessoal: e ahi está uma causa evidente de inferioridade.

Um passo adiante do *Nababo*, e temos *Os reis no Exilio*, successão de quadros, alguns magnificos, ligados por enredo muito frouxo que serve de pretexto e moldura a scenas mais ou menos escandalosas, com pretenções inadmissiveis de serem *paginas da nossa historia contemporanea*, como nol-o diz o auctor na sua dedicatoria a Edmundo de Goncourt.

É um pamphleto contra reis e principes — e

aqui no Brazil já lhe deram o caracter de propaganda republicana — não reis e principes occupando thronos e influindo nos acontecimentos sociaes, mas derrubados das suas eminentes posições, reduzidos á vida particular e mettidos já no movimento da existencia commum, da qual rarissimos conseguirão sahir.

De tal ponto de vista, tem o livro uma feição desleal e pouco generosa, que sobremaneira nos desagrada.

Quando Daudet no *Nababo* pintou claramente o bey de Tunis, houve uma reclamação internacional, e elle vio-se na obrigação de fazer completa retractação, declarando que nunca fôra intento seu expôr ao ridiculo a pessoa da Alteza musulmana.

Com os exilados não havia mais essas considerações que guardar, e a gosto pôde o romanista invadir o interior domestico dos desterrados, esmiuçar-lhes as desgraças e apuros, trazer á luz as suas miserias e aggravar a triste e melindrosa situação, emprestando-lhes actos pouco airosos, por vezes indignos, para dar mais interesse á narração que emprehendera á bem da *verdade* historica.

Applaudimos de coração Zola, quando nos mostra o herdeiro de um grande throno mettido no mesmo lodaçal que Naná, e assim castiga a inconsideração de quem não sabe manter a dignidade da sua posição; mas por isto mesmo é que

reprovamos o romance de Daudet em quasi todas as suas phases.

Debaixo de nomes de convenção, conhece o leitor perfeitamente os personagens que, pela necessidade do entrecho, estão representando todas aquelles scenas, umas melancolicas, outras burlescas, muitas indecorosas. Não ha pariziense, ou homem um tanto lido, que ignore quem seja o rei Christiano, expulso depois da brilhante defesa de Ragusa, a rainha Frederica, o principe Axel, o rei da Westphalia, sua filha, e todos os actores daquelle drama.

O disfarce é ligeiro de mais.

Vá feito que, com ou sem elle, verberasse Daudet a rainha da Galliza, cujo procedimento indignou o mundo e plenamente justificou a ignominiosa expulsão do paiz que governava; vá feito que nos pinte o Duque de Palma como elle é, principe sycophanta, de escopeta ao hombro, eternamente contrabandista; mas o que não é justo é que envolva outras pessoas dignas, nobres e aureoladas pela desgraça do exilio, nas têas de uma urdidura, de imaginação adrede preparada.

Agora que se não trata de entidades reinantes, ninguém protesta nem exige declarações. Está assentado que o rei Christiano entregou os amigos e partidarios á morte, porque ficára enleiado nos braços de cynica sereia; que a rainha Frederica se tomou de amores, muito embora

buscando resguardar toda a sua dignidade, por um tal fanatico Elysêo, etc., etc. E tudo isto arvorado em historia contemporanea, cujo conhecimento é cuidadosamente transmittido á posteridade por dever de consciencia!...

Bons elementos de certo para os futuros Niebuhrs e Macaulays!

Ainda se manifesta ahi a presente disposição moral da França.

« Divirta-me, grita o leitor pariziense, de qualquer modo que seja. » Nunca o aphorismo jesuitico teve tamanha applicação: « Os fins justificam os meios. »

Parece hoje pairar sobre a litteratura em geral o sentimento que dictou a Leon Gozlan um paradoxo humoristico, acatado presentemente como verdade inconcussa: « *Rien n'est plus immoral que l'ennui.* »

Tudo serve para combater o peor inimigo da nossa época — o aborrecimento. Um pouco mais diríamos — a seriedade.

ZOLA E VICTOR HUGO

I

No seu juizo critico sobre o maior poeta do seculo, juizo publicado ha dous annos no *Figaro*, a proposito de um dos ultimos livros de Victor Hugo, deu o chefe da escola naturalista cópia cabal d'essa imperterrita audacia, que parece ser o meio de actuar mais valente e efficaz do novo grupo litterario, que elle vai guiando por caminhos escabrosos e reprovados.

N'aquellas linhas de critica desdenhosa e muito pela rama, transparecem ás claras o orgulho, a basofia e a satisfação de haver em breve tempo angariado uma reputação universal de escandalo que, no caso vertente, é com a maior protervia contraposta a um sem numero de preciosas e applaudidas obras, capazes de por si só constituirem uma litteratura inteira e opulenta.

Zola, com esse seu *veredictum*, que o jornalismo francez acolheu, aliás, com um sorriso de

mofa, firmou bem as tendencias da sua pretendida reforma e accentuou o programma que deverá servir-lhe de bandeira: — levar mão irreverenciosa ao que ha mais bello e são no legado litterario de todos os povos, salvar apenas meia duzia de nomes que lhe sirvam de palladio e derrubar tudo o mais, para em seu lugar erigir... o que? os fructos pêcos e perigosos de uma observação que pretende filiar-se ás mais delicadas e controversas investigações scientificas, e que, na realidade, se concentra na contemplação e na analyse da corrupção, da immoralidade e das miserias humanas, mais ainda de ordem physica do que moral.

Indispensavel é, brada elle, acompanhar, passo a passo, a sciencia; estar a par dos immensos conhecimentos que este seculo deu em todas as espheras e ramos ao homem, e pertencer, antes do mais, á civilisação.

Deixando de lado estas fanfarrices e bafarradas de sciencia, de que fallaremos adiante, e que, em frequentes casos, servem para encobrir profunda ignorancia, é caso de duvida, de muita duvida, esta vassalagem da litteratura que se quer ultimamente erigir em principio indiscutivel.

Do mesmo modo que em religião devem marchar separadas a fé e a razão; assim tambem no espirito humano a intuição scientifica e a litteraria tem, cada qual, a sua área de acção

propria e que lhe permite as mais completas expansões. Se uma auxilia outra, teremos n'esse caso excepcional as grandes individualidades que se chamam Buffon, Humboldt, Cuvier, Goethe : o que não quer dizer que só esses talentos eminentes sejam merecedores da admiração e do respeito dos posteros.

Se ha, pelo contrario, tendencias hoje de avassalamento, são ellas todas em favor da litteratura ; pois em nossos dias difficil é ensinar e prégar a sciencia, despindo-se-a d'essa fórma cautelosa, amena, insinuante que ás intelligencias falhas, pesadonas e jactanciosas parece cousa futil, mas sem a qual impossivel é, já não resistir á influencia destruidora do tempo, mas simplesmente prender a attenção dos contemporaneos — o estylo.

De que estylo, porém, se trata ?

D'esse que Buffon consubstanciou com o homem ; ou por outra, d'esse modo particular que cada um tem de dizer as cousas, buscando mais ou menos correctamente expender os pensamentos que quer enunciar ?

Não.

O estylo de que fallamos é, na fórma de uma idéa, esse conjuncto de lucidez, elegancia, harmonia, pompa ás vezes, mas quasi sempre simplicidade, que nos fere de modo vivo e especial o espirito e se nos impõe com auctoridade. Filho de cauteloso trabalho ou dote natural, é elle que dá

realce aos mais complicados adereços ou faz valer uma simples *gemma* solta e destacada.

É esse *quid* que do naufragio dos seculos salva um verso de Sapho, uma sentença de Menandro, uns fragmentos de Simonide. É por elle que uma ode de Horacio, as Georgicas de Virgilio, um epigramma de Catullo, as poucas paginas de Paulo e Virginia subjugarão sempre a admiração dos homens; ao passo que os mais agudos e valentes esforços da intelligencia, applicada aos pontos arduos da philosophia e das sciencias abstractas, encerrados em milhares e milhares de grossos volumes, jazem sepultos no pó das velhas bibliothecas, enfaxados como mumias, no apparatus inextricavel de uma phraseologia obscura, indigesta e desalinhavada.

Se d'elles ha alguma cousa util que tirar, sobrenada apenas, no mar do esquecimento, um nome ligado a um invento proveitoso. Quando não, submerge-se tudo, e para todo o sempre desaparece até o vestigio de personalidades que, durante certo periodo e em circulos ás vezes não estreitos, haviam conseguido chamar a si fervorosas adhesões e rodear-se de invejavel prestigio.

Com certeza, para a posteridade valerá mil vezes mais meia duzia de versos de Victor Hugo, repassados de sentimento, ricos de idéa, sonóros e cinzelados com primor, do que centenas e centenas de paginas do mais profundo romance

experimental, cujo merito, exaltado pelos enthu-
siastas de hoje, tão sómente se concentre n'uma
acurada analyse das aberrações e desgraças da
communhão social, em certa e determinada época.

Desfazem tanto no estylo esses senhores das
theorias de agora — discipulos de Zola ou philo-
sophantes de arribação — quando é elle a causa
unica dos applausos que colhe o propheta de
Médan, infelizmente e sem questão mestre em
manejar a phrase.

No mais, a escola que pretende inculcar ao
mundo, e com effeito tem medrado, nada repre-
senta senão uma serie systematisada de desvarios
proprios ás tendencias humanas quando concitadas
para o mal; deploravel desvio da estrada larga
e honesta que devemos trilhar nas lettras, e pelo
qual se vai directamente ao que intitularei o
suinismo, e já campêa com todo o desfaçamento
em França, e mais particularmente em Pariz, sob
o nome de litteratura pornographica.

Debalde intenta o autor de *Naná* tirar de si
a responsabilidade de semelhantes desmandos:
nem sequer póde fazer como Pilatos — lavar as
mãos — pois, por gosto as conserva sujas. Quem,
com effeito, deu tamanha importancia e significação
aos factos minimos que os homens e até a propria
natureza procuram encobrir e dissimular; quem
acostumou o seu espirito e o espirito dos seus
leitores a toda a casta de indecencias, reves-

tindo-as de um caracter sério, e quasi scientifico ; quem erigiu essa observação meticulosa, microscopica, á altura de principios indispensaveis á rapida e completa evolução da civilização e até da moral, não póde esquivar-se á gloria de haver creado a pornographia, que não é, comtudo, senão uma das faces da sua complexa tarefa.

Mas, antes de tudo a verdade, protestareis. Só descrevemos o que se passa diante dos nossos olhos; só o que nos fere os sentidos e, depois de colhido o facto, se apura no crysol da nossa reflexão.

Não ; essa vossa observação minuciosa, incessante, infatigavel, de que fazeis tamanho alarde, se algumas vezes é exacta — mas inutil, accrescentaremos — em muitas outras é falsa, falsissima, desleal, forçada e principalmente tendente toda a manter continua excitação dos sentidos no seu mais alto gráu.

Formigam as provas em qualquer livro de feição experimental.

Darei, porém, uma das mais innocentes e que, ha dias, me cahiu debaixo dos olhos ; tem optimo cunho naturalista.

« Chorava ella, dizia o autor, com estrepito e esforço, como se do ventre lhe viessem fundos e agoniados os suspiros. »

A qualquer discipulo de Zola parecerá o trecho admiravel, de uma energia immensa, modo

novo e originalissimo de dizer as cousas, simplesmente porque o tal romancista pôz *ventre* em lugar de *peito*, como faria qualquer escriptor sensato e seriamente observador.

Se disserem então aos fanaticos e intransigentes adeptos da nova escola, que taes suspiros só pôdem figurar nas *Rãs* de Aristophanes, no *Satyricon* de Petronio e no *Asno de Ouro* de Apuleio, rir-se-hão com ar de superioridade, achando-se sem forças nem paciencia para convencerem litteratos de convenção e ignorantes filhos da carunchosa e esfarrapada escola da metaphysica.

Responderão desfiando um rosario de grosserias e insultos, que nada mais significa, senão que nelles a educação acompanhou *pari passu* a degradação do gosto litterario, já de todo pervertido por deleterias theorias e perigosas leituras.

II

Começa Emilio Zola o seu estudo critico, pintando Victor Hugo em plena decadencia intellectual, que a França, por commovente avença, cêrca de compassiva admiração. « É o manto dos filhos de Noé a occultar a miseria do velho pai » — irrevogavel sentença que nenhuma das possantes manifestações de um genio, que os annos, parece, vão cada vez mais robustecendo, pôde contrariar, nem abrandar.

Para o autor do *Assommoir* de nada valem as ultimas producções de Victor Hugo ; tudo é babuzeira, tudo effeito da senilidade, um verdadeiro balbuciar de quem ha muito devera estar descansando no cemiterio, e cujo maior merecimento consiste hoje em ter ficado de pé, quando toda a geração que o rodeára tombou e desapareceu.

Só lhe devemos condescendencias em vista dos seus habitos de trabalho, e não temos remedio senão aceital-o com todos os seus ridiculos e absurdos.

Sua presença é até prejudicial. Ha muito conviria vê-lo morto e enterrado, para que a geração actual, livre do influxo que d'elle ainda recebe, « possa *affirmer* sua personalidade e vontade. »

« Sa longue vie a désarmé ses adversaires. À quoi bon le discuter encore ? Il n'entendrait pas, et tout doit être toléré à son continuel labeur et à son grand âge. Les passions politiques se taisent, les passions littéraires patientent. Il n'a plus autour de lui que ses enfants et ses petits-enfants, très respectueux, évitant de lui parler de leurs idées et de leurs passions nouvelles, l'approuvant toujours, même dans l'absurde, remettant au lendemain de sa mort l'affirmation de leur personnalité et de leur volonté. »

E. Zola acha isto tudo um verdadeiro conluio de ternura ; mas julga-se, obrigado, pela posição

que conquistou no mundo litterario e scientifico, a levantar-se de férula em punho para vingar a verdade offendida.

Outro estimulo, e este de ordem patriotica, impelle-o a tomar aquella iniciativa heroica. É o receio de que os erros prégados por aquelle velho « tenham pernicioso influencia sobre a intelligencia franceza. »

Audax Japeti genus!

III

O respeito que não só em França, como no mundo em peso circumda o nome de Victor Hugo, faz de certo aceitar da sua penna muita cousa paradoxal, anomala e monstruosa, que, de outra individualidade menos prestigiosa e auctorizada, difficilmente correria terras litterarias e fôra em todas ellas bem acolhida. N'isso, porém, n'esse sincero acatamento, é que se assignala de modo inconcusso a influencia de quem soube collocar-se em posição superior a todos e assentar arraiaes em logar inatacavel, de tão elevado que é.

Aliás o Victor Hugo de hoje — póde-se afiançar sem medo de errar — é o Victor Hugo de todos os tempos, e ahi está a causa justificada do avassalamento da admiração universal. É sempre o poeta da continua antithese, o athleta da phrase torturada, o grande narrador-prolixo e muitas

vezes obscuro, mas eminente colorista — o ver-sejador infatigavel, cuja imaginação não raro toca ao desvario, o manipulador de rimas asperas e repetidas; ao mesmo tempo, porém, o trabalhador indefesso e o espirito mais creador d'este seculo, espirito cheio de scintillações que a cada instante denunciam, nas menos alevantadas producções, a possança do seu genio.

Vem a pello lembrarmos aqui de passagem o espirituoso e pouco conhecido epigramma, que, em começos da sua estrondosa carreira litteraria, Andrieux lhe atirou um dia :

« Ou, ô Hugo, huchera-t'on ton nom ?
Justice encor rendu que ne t'a-t'on ?
Quand donc au corps qu'Académie on nomme
Grimperas-tu de roc en roc, rare homme ? ! »

Nos livros de penosa leitura — e de facto não são poucos os que nos proporciona a collecção completa das suas obras — desde os mais antigos, até aos ultimos em data, de entre paginas baralhadas e confusas, resaltam repentinamente sentenças, idéas, jactos luminosos que ferem viva a attenção do leitor mais indifferente e a sacodem do lethargo em que se deixara cahir.

Um pensamento original e brilhante, diz com razão Berlioz — o artista litterato — é como na musica uma melodia nova e pura. São ambos capazes de salvar do esquecimento um livro ou uma partitura mediocre.

E quando esses pensamentos jorram inces-

santes como grosso borbulhar de uma fonte de esplendidas gemmas? E quando os mais arrojados esforços da imaginação não pódem já não esgotar, mas simplesmente empobrecer essa fonte?

Se algum dia E. Zola julgou Victor Hugo digno do entusiasmo que produziu e produz em França e nas cinco partes do globo, não lhe póde hoje regatear applausos; pelo contrario os deve cada vez mais estrondosos, á medida que os annos forem se accumulando sobre aquella immensa cabeça sem poderem acurval-a, nem diminuir-lhe o valor pensante.

Victor Hugo é sempre o mesmo escriptor, com todas as suas qualidades boas e más. Que o digam as mais recentes obras: *Quatre-vingt-treize* (1873), o 2.º volume da *Légende des Siècles*, (1877), *L'art d'être grand père* (nesse mesmo anno), *L'histoire d'un crime* (ainda em 1877), *La pitié suprême*, *Religions et Religion*, e finalmente nestes ultimos tempos *L'Ane*, *Les quatre vents de l'esprit* e *Torquemada*.

Não houve progressão nem retrogradação. É como a aguia que paira em regiões affeiçoadas á sua organização e immovel se libra nos espaços, sem esforço nem cansaço das pandas azas. As fórmãs grandiosas ou exageradas e até viciosas das suas mais preconisadas obras, elle as conserva com o viço e energia das primeiras épocas, e tudo quanto lhe sahe do bico da aurea penna traz, ainda e sempre, o cunho de um talento phenomenal.

Nenhuma consideração, porém, deteve o chefe da grande escola da derrubada, ao pegar no seu arco de guerra. Nem sequer a incerteza do alvo pela immensa distancia impedio-o de tomar attitude, como se fôra traspassar o condor, que mui socegradamente adeja lá em cima.

Ei-lo, pois, que ridiculamente se adianta. Firma-se nas pequeninas pernas; acurva o corpo; distende com todas as forças a corda e ás tontas dispara para o ar a flécha, armada de pennas multicores e alguns guizos.

Emquanto espera pelos mortiferos effeitos da sua iniciativa, apostropha homericamente aquelle de quem se constituiu rival, para melhor debellal-o e exclama :

« Victor Hugo l'homme du siècle, Victor Hugo le penseur, le philosophe, le savant du siècle! et cela au moment où il vient de publier l'*Ane*, cet incroyable galimatias qui est comme une gageure tenue contre notre génie français! Mais, en vérité aux plus mauvaises époques de notre littérature, dans les quintessences de l'hôtel de Rambouillet, dans les périphrases de l'école didactique, jamais, jamais, entendez-vous! on n'a accouché d'une œuvre plus baroque, ni plus inutile. »

O que o exaspera é que o *Asno* de Victor Hugo tenha em pouca conta a sciencia humana, ficando por ahi bem patente a confiança que lhe merece a somma dos proprios conhecimentos. Seu

furor n'este ponto torna-se grotesco e merece ser reproduzido *ipsis verbis* :

« Comment ! nous luttons, nous travaillons, nous avons conquis la méthode et nous avançons à pas de géant dans toutes les connaissances ! Comment ! en cent années à peine, des sciences se sont créées et on grandi, une évolution superbe a lancé l'humanité à la conquête du vrai. Et c'est justement l'heure que cet homme choisit pour lâcher son âne et lui faire insulter la science ! »

Curiosa indignação, essa do autor do *Asso-moir* e da *Naná* ! Mais curioso ainda vir elle servir de escudo á sciencia escouceada pelo *Asno* de Victor Hugo ; mas se de facto aquelles seus livros são fructos immediatos da lucta, do trabalho e do *methodo* conquistado pelo seculo, derivações das sciencias novamente creadas e desenvolvidas, consequencia da esplendida evolução que dará á humanidade a posse da verdade ; de bom grado e com a sinceridade inteira das grandes resoluções, eu, e commigo muitos, nos collocaremos do lado do discutidor e descrente solipede e, buscando profligar insistentes esse estado de cousas que nos leva a todos rapidamente para a completa deturpação moral e intellectual, tentaremos protestar com energia contra a direcção que querem dar a este final de seculo uns pretendidos reformadores da ultima hora, e, se possivel nos fôr, desvendar a protervia, vacuidade e perigos dos seus projectos, aspirações e planos.

É caso de averiguarmos o valor desse saber, que tanto alardeam.

IV

Consideremos, pois, agora mais de perto as causas d'aquella violenta explosão de despeito, procurando conhecer em que bases assenta esse desmedido orgulho pelas ultimas conquistas, feitas no campo da sciencia. Aos espiritos superiores e a cujos esforços são ellas devidas, nunca de certo bafejou semelhante assomo de jactanciosa satisfação.

A todos elles parecem e parecerão sempre verdadeiras e cada vez mais exactas, as palavras de Newton — Newton, a mais vasta intelligencia humana, ao serviço da meditação: « A verdade, dizia o sabio, é um oceano illimitado: o homem só d'elle conhece as conchinhas que vêm ter á praia. »

E. Zola, porém, em nome do genio francez e sobretudo pariziense, revolta-se contra tão sublime humildade. Parece navegante desembarcado no meio de pomposos triumphos, depois de haver cortado em todos os sentidos aquelle oceano, estudado os seus ultimos terminos e devassado-lhe as entranhas e os mais reconditos abysmos por meio de scaphandros impossiveis e dos *Nautilus* imaginados por Julio Verne.

Diga Newton o que quizer, pense como bem

lhe aprouver, Newton que nos desvendou as mysteriosas e harmonicas relações de todos os corpos do universo, Newton que explicou a precessão dos equinoxios, o phenomeno das marés, pesou os planetas e dos immensos mundos passou aos infinitamente pequenos; Newton de quem Lagrange dizia: *Nasci tarde de mais*, — Zola, o autor da *Naná*, da *Cûrée* e outras quejandas maravilhas, pensa de modo contrario, e muita gente hoje está prompta a dar-lhe razão, sem mais exame, ou antes sem nenhum exame.

Para os futuros observadores, este ultimo periodo do seculo XIX, especialmente em França, apresenta um caracteristico bastante assignalado: a infatuação. As sciencias, para se generalisarem, tomarão uma superficie que em innumerous pontos da sua extensão não é, nem pôde ser, proporcional á profundidade e, imperfeitamente estudadas ainda na sua parte mais facil e amena, incutirão, n'uma grande maioria de espiritos irreflectidos, habitos de deploravel fatuidade, que trazem não pequenas perturbações sociaes.

Já teve o mundo o espectaculo — e espectaculo terrivel — do desfecho de uma d'essas situações, em que a leviandade corria parellas com a infatuação; o final do reinado de Napoleão III e as scenas da Communa.

A prudencia e a seriedade allemã infligiram áquella sociedade corrupta uma durissima lição,

que durante algum tempo pareceu dever aproveitar. Hoje estamos de novo vendo a França ameaçada quasi pelos mesmos perigos que ella em 1869 não soube conjurar em tempo. A infatuação, porém, perdeu o seu character de singela leviandade e adoptou a feição pedantesca de sciencia indiscutivel e regeneradora. Melhor ainda, a leviandade metamorphoseou-se, pois no fundo é sempre a mesma inconsideração, sempre a mesma ignorancia das cousas.

Ora, como tudo quanto se passa em França repercute logo — para bem e para mal nosso — nos povos latinos, somos presentemente victimas d'essas facéis theorias que transformam qualquer mocinho que começa em sabichão, em Pico de Mirandola, cujos conhecimentos e sobretudo cuja segurança de vistas nas asseverações, juizos e *veredicta* foram colhidos a esmo, nos bancos das escolas irregularmente frequentadas, nas palestras ao acaso, nos romances e nos livros de sciencia *à la portée de tout le monde*.

V

Uma cousa, mais que tudo, enche de gloria e fumaças o cerebro de Zola: é a posse do *methodo*, conquista que encaminha a humanidade ao conhecimento do oceano a que alludia Newton e para a qual elle, o chefe da nova escola litteraria,

tem poderosamente concorrido. Pessimo piloto, objectaremos nós, em quem não é bom depositar confiança, ainda quando, para muitos, *os fins justifiquem os meios.*

Mas que methodo é esse?

Nos seus artigos de polemica mais ou menos scientifica já nol-o disse, apregoando ahi novidades que ha muito tempo não é licito ao homem lido desconhecer. O methodo inductivo ou a *posteriori*, analytico, experimental, dirige a verdadeira sciencia desde Descartes e Bacon, sobretudo Bacon, no campo da philosophia e dos phenomenos naturaes, e os seus processos são hoje os unicos aceitos e possiveis, embora, como judiciousa e finamente observa o grande Macaulay, *a inducção não será mais bem empregada, por saberem os homens como applica-la.*

Muitos entusiastas cegos de Augusto Comte acreditam religiosamente — pois a theoria positivista é uma religião — que foi o propheta da humanidade quem deu o golpe de morte á metaphysica e libertou o espirito humano d'essas pesadas cadêas.

Cabe entretanto á Inglaterra ter rompido com aquellas tradições inveteradas. Se o beneficio não repercutiu logo no mundo, é pela indole especial d'aquelle povo que, em contrario da França, fez tudo para si e nada ou quasi nada para os outros — sobretudo na ordem moral.

Não precisava ella da revolução de 1789 para

ser o que é hoje em dia — e com ella os Estados-Unidos — ao passo que os mais povos da terra não gozariam, de certo, da somma de regalias e felicidades que presentemente possuem, a não ser a iniciativa generosa, violenta e imperativa da nação franceza.

Além do *positivismo* natural á indole ingleza, a transformação radical nas investigações humanas fôra feita pelo genio de Francisco Bacon, que em meia duzia de phrases sentenciosas concreta muitas paginas de Comte, d'aquellas paginas massudas, em que periodos interminaveis se engatão uns aos outros, separados, de longe em longe, por um ponto final, onde o leitor, prostrado e meic entontecido, a custo toma respiração.

Cumpre lembrar que os trabalhos de Carlos Roberto Darwin, que tão fecundos resultados dão em todas as suas applicações philosophicas e scientificas, não procedem da influencia positivista de Comte, cujas obras só n'estes ultimos quinze annos, para assim dizer, sahiram do circulo dos seus discipulos mais chegados.

Ha certamente hoje tendencia para combinar os esforços isolados dos grandes pensadores e prendel-os uns aos outros pelos seus pontos de connexão, mas ha tambem muita facilidade em confundir o comtismo, darwinismo, materialismo, experimentalismo, etc., citando-se de enfiada os nomes de Comte, Darwin, Büchner, Claude Bernard, Huxley,

Virchow, Moleschott, Herbert Spencer, etc., como se fossem todos membros de uma só escola, empenhados no desenvolvimento de principios, por todos elles aceitos sem contestação e que ás tontas são denominados *theoria salvadora*.

Ha entre elles grandes divergencias, ainda quando uns sejam discipulos directos de outros. Por exemplo, Herbert Spencer, que incontestavelmente deriva de Comte, a cada passo insiste na independencia do seu modo de pensar e busca mais ou menos voltar as costas ao fóco de luz que o illumina em suas especulações, como que dispensando d'elle qualquer auxilio.

Quanto a Hæckel, a conclusão de todos os seus estudos é totalmente diversa, antinomica até á do seu mestre, a quem sempre faz aliás a merecida justiça. O grande naturalista inglez, depois de expôr as suas bellas e engenhosas idéas sobre o crescimento e a reproducção, a hereditariedade, a variabilidade, a lucta pela existencia com a consequente selecção natural, a divergencia das especies e a extincção das fórmulas menos perfectas, conclue que todas essas theses corroboram a crença n'um Ser supremo, cujo poder mais se confirma n'essa unidade de creação ; ao passo que Hæckel, d'essas mesmas theorias, tira a consequencia indeclinavel, unica racional, a seu vêr, da não existencia de Deus.

D'ahi se segue que se filie logo ao materia-

lismo de Büchner e Moleschott? Nada! protesta incontinente; é *monístico*, não tem nada que vê com o materialismo moral, ao qual se liga, comtudo, em mais de um ponto e por mais de uma serie de considerações. Se não fôra o principe de Bismarck de um lado e o de Weimar por outro, é de crêr tambem arvorasse a divisa de Blanqui — « *Ni Dieu ni maître!* »

Ficou, porém, a meio caminho.

UM LIVRO DE SALVATORE FARINA

I

Muita gente ha n'este Rio de Janeiro, muito mais do que geralmente se suppõe, que, querendo acompanhar, mais ou menos, de perto o movimento litterario da época, lê e lê com bastante assiduidade e aproveitamento não poucas revistas, brochuras e sobretudo innumerous romances, com a condição, porém, de que sejam todos elles de procedencia franceza.

Saiba ella mais ou menos o que vai de novo por Pariz, terra dos seus sonhos, todo o restante em materia litteraria e artistica lhes é quasi que indifferente, dominados como estão pela influencia a que se subordinam cégamente e d'onde emana, do mesmo modo que para o pariziense, manifesto pouco caso por tudo quanto não saía das livrarias de Hachette, Calman Lévy, Charpentier e outros, ou dos estabelecimentos Brandus, Choudens e Escudier.

Em relação então a livros brasileiros, esse

pouco caso, essa absoluta despreocupação assume proporções de verdadeiro menos-preço, quasi diríamos compassivo desprezo. É de vêr-se a expressiva careta d'esses aristarchos, o ar de desgosto que tomam e o modo por que franzem o olympico sobrolho, mal se lhes falle em qualquer escriptor nacional, emquanto se expandem em entusiasmaticas phrases acerca das muitas obras mediocres, más e até execráveis, que, a par de outras boas e algumas optimas, sem cessar nos envia a vertiginosa actividade d'esse grande centro intellectual, chamado Pariz.

Ainda á memoria de alguns devem estar presentes os folhetins de critica de um litterato de muita leitura e reconhecidos talentos, que desperdiçava comtudo o proveitoso tempo em analysar romances francezes de quarta ou quinta ordem, como n'uma feita por exemplo *L'Étrangère*, creio que de Fortunio, ao passo que se dedignava de fallar na *Senhora*, a novidade do dia, livro todo de convenção, é certo, mas excellente no seu genero e que assignado por Octavio Feuillet, em vez de sel-o por José de Alencar, teria feito, em breves mezes, a volta do mundo litterario. Foi até necessaria uma instigação mais energica, para que o critico folheasse ás pressas algumas obras do escriptor brasileiro, cujas producções todas tinha, por simples prevenção, em conta de cousa nulla, ou, senão de todo nulla, pelo menos perfeitamente insignificante.

Ao numero d'esses severos juizes de opinião assentada *a priori*, que abundam no nosso circulo illustrado, pertencem aquelles — e infelizmente não poucos — que negam tenazmente a Carlos Gomes a sua quóta de applausos, enquanto não fôr á scena em Pariz qualquer das operas do maestro e lá consiga inequivoco triumpho.

Procura-se debalde apontar-lhes as bellezas que as recommendam; debalde se tenta appellar para a impressão propria, individual, e, na carencia dos outros meios que falharam, para os sentimentos patrioticos, muito embora a depreciação actual que os vai collocando a todos — bons e máus — entre os preconceitos contrarios ao progresso humano; nada, nada os abala, e, torcendo o nariz aos nossos melhores argumentos, respondem invariavelmente: « Mas diga-me, porque é que em Pariz ainda não levaram o *Guarany*? »

De certo vive tambem Portugal, ou melhor Lisboa, avassallado ao jugo pariziense, mas alli esse jugo não tem entorpecido ou impossibilitado o progredir e a expansão natural da sua vida litteraria. Trabalha-se com coragem, escreve-se muito, com certeza de se achar sempre quem leia, critique, censure, applauda e, sóbretudo, compre o livro novo exposto á venda.

Este é um dos mais serios e graves pontos na questão vertente, e n'este particular vamos cada vez a peor. Os poucos editores que tinhamos,

com a falta quasi absoluta de retribuição pecuniaria que lhes permitta, quando menos, cobrir as despesas de impressão, retrahiram-se de todo, no que fizeram muito bem pela obrigação de zelarem os seus interesses, de maneira que gradualmente foram desaparecendo de scena os nossos melhores—ou menos máus—escriptores.

De outra parte o jornalismo, com as suas exigencias diarias e imperiosas, de character todo elle urgente e precipitado, chamou a si a mocidade que mostrava mais inclinação pelas letras; prendeu-a irremediavelmente nas multiplas e obscuras rodas do seu mechanismo esmagador e esterilizou-a de facto, desenvolvendo-lhe tão sómente as disposições aggressivas e irreflectidas.

Funesto acontecimento accentuou mais a feição d'este periodo de desalento, que ainda está bem longe do desejado término; a morte de José de Alencar, lidador incansavel, cujo exemplo para todos nós era um incitamento e um conselho de pertinacia.

Uma vez, conversando eu na camara a este respeito com o illustre romancista e queixando-me do desanimo que já sentia, replicou vivamente: « Dou-lhe a resposta de Guatimozin, pois o senhor põeme em leito de rosas. Pensa então que sou muito lido? Acredite que n'estes 80 ou 100 homens que aqui se acham e representam o que ha mais illustrado no Brazil,—e muitos na ver-

dade, o são, — talvez só 5 ou 6 tenham aberto um livro meu. »

Haveria exagero n'essa supposição repassada de amargor, mas vem aqui a pello contar uma anedota parlamentar, cuja authenticidade posso garantir e que até certo ponto dava razão a José de Alencar.

N'uma duvida um tanto pessoal que se levantára entre elle e um deputado conhecido, querendo este com intenção ironica indicar a superioridade do seu contendor por ter escripto versos e romances : « Nem de longe, senhores, exclamou mais ou menos, posso querer competir com o creador de tantos typos poeticos, como por exemplo d'aquelle celebre indio... » E ahi parou por ignorar o nome do heróe que quizéra citar. Não perdeu, porém, o sangue-frio e inclinando-se para um companheiro que lhe ficava ao lado, perguntou baixinho : — « Como se chama o tal indio? » — « Pery, assoprou o outro depois de ter consultado á direita e á esquerda. — Como?... Piry? » — « Não, Pery, Pery, confirmou duas vezes quem fazia de espirito santo. Proseguiu então o orador com emphase : « Nunca ideei typos imaginosos como o do celebre Perypery... » e ficou muito admirado, quando uma risada geral, na qual entraram muitos sem saberem pelo que, lhe cortou a palavra e um tanto o desnor-teou.

Já que estamos nos dominios da anedota,

refiramos outra de espirito real esta, em que José de Alencar ficou ahi de peor partido. Discutia-se, no gravissimo debate do elemento servil, o parecer da commissão, de que fôra monsenhor Pinto de Campos relator: « Quem é essa vaga Venus de que nos falla V. Ex.? perguntava com malicia em seu discurso Alencar, dirigindo-se particularmente ao prelado, o que excitava risóta. « Conhece-a V. Ex.? » — « Conheço, respondeu de prompto Pinto de Campos com muita felicidade, é mãe do seu *Demonio familiar* », e a gargalhada foi estrondosa.

Voltemos, porém, depressa ao nosso assumpto que, por emquanto, não é senão méro preambulo.

Fatal por muitos motivos foi ás lettras brazileiras o prematuro desaparecimento de José de Alencar, apesar de alguns defeitos que tinha como escriptor, sua teimosia, o aferrado apêgo ás formulas convencionaes, o subjectivismo continuo de todas as suas observações e a falta sensivel de exacta contemplação da natureza especial, em cujo seio se achava. Basta dizer que transportou os *pampas*, vastissimas planicies cisandinas, para a provincia do Rio Grande do Sul, quando lá todo o terreno é profundamente dobrado — *coxilhas*, que se succedem umas ás outras, cortadas, nos encontros, de arroyos e sangas. Basta lembrar todos os seus indios a fallarem a linguagem gongorica e poetica que Chateaubriand, na sua por vezes into-

leravel idealisação, pôz na boca dos Natchez, fazendo Chactas, Utugamiz e outros discursarem como se fossem todos litteratos eméritos, disfarçados em selvagens do Meschacebé.

Sua força de trabalho, porém, o seu grande calor intimo para combater a frieza do ambiente em que vivia e vivemos, seu vasto e variado circulo de acção, a possança da sua imaginação e ao mesmo tempo a auctoridade que, de dia a dia, se tornava mais effectiva, faziam d'aquelle precioso ente uma individualidade possante, e como que baluarte em torno do qual todos nós, homens de boa vontade, nos iamos agrupando para batalharmos juntos e, sem invejas nem rancores intestinos, debellarmos o inimigo commum—o indifferentismo do publico para quem escreviamos.

Com um simples sopro deitou a morte por terra a fragil existencia de José de Alencar, e com ella esse nucleo de resistencia, que se ia constituindo e que tão cedo se não congregará mais.

II

Ainda que desviados da linha que desde o começo d'este estudo deveramos seguir, tudo quanto deixamos escripto nada mais é do que uma tentativa de protesto contra o exclusivismo de leitura dos livros francezes, principalmente na roda que quer ter fóros de litterata—protesto re-

lativo tão sómente ás litteraturas européas e nunca á brazileira, que essa, para muitos, não existe, não póde existir, é ridicula, sem originalidade, e meramente embryonaria — não podendo ninguem saber se d'esse embryão nascerá engorovinhado monstro, cousa de metter-se logo em frasco de alcool concentrado, ou creaturasinha apresentavel e mais ou menos decente.

Curvemos a cabeça ao *veredictum*; mas, senhores, n'essa mesma especialidade do romance em que Pariz revela pasmosa fecundidade e produz tanto livro máu e perverso, os inglezes, americanos, allemães, italianos, hespanhóes e até russos, têm cousas lindas, lindissimas, graciosas quanto possivel, dramaticas, sãs e de leitura tão proveitosa, quanto amena e divertida.

Não insistirei nos inglezes e allemães, de que já tratei tambem incidentemente em outro *Estudo critico*, escriptores ainda vivos, com excepção, desde o dia em que os citei, da admiravel Miss Marianna Evans, mais conhecida sob o celebre pseudonymo de Jorge Elliot.

Fica o dia reservado para uma primorosa collecção de novellas, o ultimo livro de Salvatore Farina, nome popular e respeitado na Italia contemporanea, a qual conta notabilissimos escriptores e romancistas.

Não é, com effeito, licito a pessoa um tanto lida ignorar os nomes de Carlos Brundo, do sym-

pathico De Amicis, cujos contos *Os amigos de collegio* e *Camilla*, são paginas peregrinas; do ardente Pedro Cossa, dramaturgo de pulso, auctor de *Nero*, *Messallina*, *Os Borgia*; de Luiz Gualtieri, que provocou em toda a península grande sensação com o seu *Innominato*; do sabio Guasti; do joven Cavallotti; de João Rizzi, o ardente poeta; de Regaldi, de quem já dizia Lamartine ha muitos annos:

« Tes vers jaillissent, les miens coulent;
 Dieu leur fit un lit différent:
 Les miens dorment et les tiens roulent.
 Je suis le lac, toi le torrent! »

da bella e poetica A. Sofia; e de tantos e tantos outros, merecendo ainda especial menção Henrique Castelnovo, cujo volume—*Á janella*, tem resaibo do mais delicado e attrahente scepticismo.

Em geral não ostentam os italianos nos seus romances qualidades de longo folego, e *Margherida Pusterla*, do tão apregoado Cesar Cantu, nada mais é do que um ensaio pesado e pouco feliz, embora com muitos trechos commoventes.

Se elles, porém, não têm o extenso poder inventivo dos francezes que lhes permitta o desenvolvimento e as complicações da trama, são insignes em cinzelar cuidadosamente os contos, as narrativas e novellas que nos dão. Tambem d'aquellas historietas e divagações, á maneira de caprichosos arabescos e aéreas fantasias do espirito, desprende-se uma como aragem de frescura,

novidade, graça e fina ironia, que lhes incute um cunho muito especial e sympathico de boa litteratura.

É esta principalmente a *caracteristica* das lindas e despretenciosas novellas de Salvatore Farina, que acabamos de lêr.

Mas quem é Salvatore Farina ?

Nada mais, nada menos, um escriptor que, no meio de tantos, mereceu o honroso appellido de *Dickens italiano*.

É comtudo muito moço, pois nasceu em 1846; o que não obsta que suas obras tenham já editores em França, Allemanha, Hespanha e Hollanda, os quaes logo traduzem e imprimem o que sahe da sua fecunda penna. Presentemente dirige a *Gazeta Musical* de Milão na parte litteraria, e os seus artigos têm grande influencia, não só no circulo a que são mais especialmente destinados, como tambem no mundo artistico. Além disto, concorre activamente para a intelligente propagação na Italia dos melhores romances estrangeiros, publicando boas versões, feitas debaixo da sua immediata inspecção.

É pois, um espirito muito activo, mas, ao que parece, um tanto concentrado e arisco. Para bem conhecê-lo, pois, como homem, antes de travarmos relações com o escriptor, mal cabida não será a transcripção de algumas palavras que um contemporaneo lhe dedica, depois de lisongieras phrases consagradas ao seu physico :

« Il Farina è timidissimo. La presenza di varie persone, qualche volta una sola signora lo mette in soggezione come un adolescente.

« Spesso sembra inurbano, e non é che la timidezza che gli fa gruppo alla gola. Eppure in questo giovane solitario, anti-socievole, c'è la stoffa d'un sibarita. Adora il bello in tutte le sue forme; gli oggetti d'Arte, i bei mobili, le stoffe preziose, le sale splendenti de lumi, le tavole servite con eleganza, i bambini, la musica ed i fiori. E queste cose le descrive bene, con amore e con maestria da artista. Le figure meno riuscite ne' suoi libri sono le donne, perché non le conosce abbastanza; negli uomini che ritrae mette sempre una parte di sé. »

Outro critico faz n'este retrato uma correcção ligeira, mas que nos parece justa, pelo que de Salvatore Farina temos lido :

« Egli non conosce forsè bene la donna di mondo, perchè va poco nel mondo; mà la donna di casa l'ha studiata bene; é sempre la stessa donnina virtuosa, che il Farina ama e che a saputo con l'Arte sua farsi amari, ora come fidanzata, ora come sposa, ora come madre. »

III

Consta de quatro novellas o livro de que hoje tratamos: *Amor cego*, *Borrascas conjugaes*, *Um homem feliz* e *Valete de espadas*; estas tres

últimas graciosas e divertidas, mas sem a importancia da primeira, que é legitimo primôr, joia litteraria da mais pura valia.

A intriga aliás simplissima.

Dous casadinhos de fresco, tres mezes apenas depois de presos nas ferreas cadêas do matrimonio, acreditam que lhes é impossivel a vida em commum. Ha incompatibilidade perfeita de genios.

A mulher, Ernestina, bonita e orphã de pai e mãi desde muito criança, casára precipitadamente com o primeiro pretendente que lhe parecera mais geitoso de figura, para se ver livre de um tio, e ainda mais de uma prima, filha do tutor, displicente e invejosa, embora ambos optimos parentes, pelo menos no fôro intimo.

O marido, Leonardo, rico, indolente, homem de salões e ainda mais de botequins e cafés, myope, muito myope, sem ter aquellas razões de familia para precipitar os acontecimentos, deixárase levar ao casamento por um unico motivo : achar aquella moça formosa.

« Dei-lhe a minha mão rindo-me, relembra Ernestina a si mesma; elle a tomou rindo-se; fomos ao altar a rirmo-nos um para o outro — foi uma verdadeira criançaada. »

Eil-os, porém, amarrados, e, depois de uma viagem de noivado em que depressa se dissipára o encanto do novo estado, estão de volta em

Milão, e já Leonardo acha que a sua myopia o enganára, exagerando a belleza de Ernestina, e esta, por seu lado, cõmeça a perceber a nullidade do marido, suas frequentes ausencias, o aborrecimento que o pega, mal transpõe a porta da casa — enfim graves razões de queixa, de ambas as partes.

A menina derrama lagrimas ás occultas e diante do esposo; no fundo aborrece-se muito; nada a distrahe; vive infeliz. O futuro aterra-a. Discute a questão de incompatibilidade de humor com Leonardo, que lhe atira á cara um riso de mofa.

— Dizes então que os nossos genios não combinam? Olha, estou prompto para supportar tuas idéas romanticas, espiritas, philosophicas, sentimentaes; atura as minhas, deixa-me liberdade de acção. Viveremos assim como Philemon e Baucis.

Feita esta proposta, zás, lá corre o nosso Leonardo para o botequim, onde, de charuto á boca, *lorgnon* no olho, perna estirada em cima de uma cadeira, a beberricar café e licores, discursa, no meio de amigos que o disfructam, sobre artes, litteratura, sciencia, mulheres e novidades do dia.

Ernestina compra então um codigo e lê attentamente os deveres que a lei lhe determina e os direitos correlatos, e, meditando sobre o artigo 323, lança uma vista de olhos sobre o seu passado, faz rigoroso exame de consciencia, e acha

que a victima é e tem sido ella, e victima de sacrificios superiores ás forças humanas. De vez em quando lhe vêm certas duvidas, parece-lhe haver-se mostrado demasiado futil, susceptivel, irritadiça, tola... mas, não ha contestação, Leonardo é um monstro.

Por seu lado, Leonardo manda chamar um amigo intimo da casa, medico de certa fama e homem de bom conselho. Sente-se doente, abatido, enervado, sem coragem para cousa alguma, e a origem de todos os seus males é a mulher. Convém, pois, que se separem quanto antes, mas sem matizada, sem escandalo nem codigo. Irá elle viajar, tomar aguas em qualquer cidade balnearia; ella ficará no campo ou em Milão, ou onde bem quizer, comtanto que longe, bastante longe. « Poderei ser muito máu, concorda indolentemente, mas não sou egoista; isto não, não sou egoista! »

O Dr. Agenor, excellente pessoa, ainda moço, tendo vivido mais para a carreira medica do que para o mundo, philosopho a seu modo, materialista, gostando de mulheres e ainda mais da physiologia e do macarrão, admoesta Leonardo, applaude-o e censura-o simultaneamente; mas afinal toma a delicada incumbencia de levar a Ernestina as ultimas e inflexiveis determinações maritimas: « Elle partirá para uma estação de aguas, ella para Bellaggio. »

Levantando os hombros e a consultar o relogio, por causa dos numerosos clientes, lá segue Agenor em missão diplomatica e transpõe o limiar do perfumado *boudoir* da bella abandonada.

Ahi desenvolve novamente suas idéas sobre a possibilidade de uma reconciliação radical.

— Nunca! exclama Ernestina.

— Não será tudo isto irritação nervosa e uma manifestação pathologica, minha adoravel senhora? Somos uns pobres entes envolvidos n'uma rede de nervos que uma epiderme muito impressionavel defende imperfeitamente e ainda, quando os tecidos musculares e outros se achem dispostos n'esse bello equilibrio que faz as creaturas graciosas como V. Ex., não se sabe o que póde sobrevir para perturbar a harmonia. O sangue, a lympha, os humores são outros tantos inimigos que se aninham em nosso seio, e, quando estamos persuadidos de qualquer cousa, corremos o risco de nos arrependermos das nossas resoluções, meia hora depois de tomal-as. »

Ernestina abana a cabeça: viverá satisfeitissima longe do marido, é exactamente o que deseja; e as lagrimas lhe bailam nos olhos e correm silenciosas pelas faces, augmentando-lhe o viço e o prestigio da belleza.

O doutor, apesar de muito philosopho, sente-se abalado.

— Ora, diz elle de repente, ora...

E pára.

— Ora, continúa com fogo depois de ter concertado a garganta, a vida é curta; a mocidade foge; esvae-se a formosura; os fluidos perdem a sua elasticidade, e a febre *sympathica* que n'um só olhar prende a dous entes...

Ah! meu doutor, em que declive puzeste o pé?

Salvatore Farina dá uma explicação aceitavel do que acontecia :

« Afinal, diz elle, os philosophos não são encouraçados, e o conhecimento que elles têm dos elementos de que se compõe a enfermidade capitulada *amor*, não os põe ao abrigo do contagio.»

Assim, pois, illumina o cerebro de Agenor uma idéa tentadora : tomar para si aquella mulher que a *myopia* do amigo regeitava, e consolal-a em regra — projecto que lhe parecia muito legitimo.

— O pobre do Leonardo, insinuava com unção o homem, está doente, precisa tratar-se. Atrophia-o a *lympha*. O temperamento mais adequado ao amor é o sanguineo...» e mais isto e mais aquillo.

Não se creia, comtudo, que o doutor fosse um seductor banal, não; era um pensador *sui generis* em muita cousa, e, força é confessar, nunca pensára n'aquella especialidade.

Fórma então para seu uso uma *theoria* um tanto original.

— O adulterio, diz elle comsigo mesmo, é

um facto muito natural; a physiologia não o condemna; pelo contrario, chega a aconselhal-o. É o unico remedio achado para a molestia que se appellida o casamento, mas é preciso uma condição *sine quâ non* — o marido deve ignorar tudo. Sem isto, frageis como são os nossos organismos, experimentará elle uma dôr, dôr egoistica — se quiserem — mas tres vezes santa e respeitavel. É todo aquelle que, sabendo isto, causa ao seu semelhante tão grande afflicção, commette uma acção má e feia.»

Sem duvida alguma, não fazia Agenor praça de virtudes que não possuia, talvez por effeito da maior ou menor quantidade de globulos sanguineos, do leite que mamára, etc.; mas emfim com tal ou qual desvanecimento, confessava a si mesmo que era homem bem procedido e digno da confiança das suas gentis e frageis doentes.

Armado de todas essas idéas, mas intimamente muito atrapalhado com a campanha que emprehendera e julgava já obrigação de honra levar ao cabo, começou, emquanto o amigo Leonardo se dirigia para as aguas de Spa, a fazer côrte assidua a Ernestina, que se retirára para Bellaggio, á beira do lago de Como.

IV

Entre parenthesis, como é encantador aquelle cantinho do mundo — Bellaggio! Fica na extremidade

da península que divide em dous sinuosos braços a parte meridional do lago de Como. Visitei-o em Novembro de 1878, e, apesar dos aguaceiros que cahiam, embellezei-me na contemplação dos primores risonhos d'aquella natureza placida e alegre. Que aguas tão azues, que arêas tão brancas, quantos palacetes a se mirarem com faceirice! De todos os lados jardins edénicos, *villas* em que parece residirem a felicidade e o descuido das cousas d'esta terra, *Villa Tavernola, Cornaggio, Pasta, Babbianello, Sommariva* e tantas outras!...

Diz a sciencia que o lago de Como ou Lario vai desaparecendo, aterrado activamente pelo Adda; mas como contém ainda 35.000.000.000 de metros cubicos de agua, não passarão os nossos descendentes mais proximos pelo desgosto de vê-lo reduzido ao simples leito de um rio central.

Em Bellaggio, pois, é que se abrigára Ernestina, após a singular borrasca que definitivamente desfizera o seu interior domestico. Vivia triste, arrependida, não sabia bem de que. O seu unico consolo eram os passarinhos da mata, com os quaes fizera logo boa e intima amizade.

Visitava-a com frequencia o Dr. Agenor; mas adiantava menos nos seus projectos, do que o rio Adda no seu trabalho de aterro. A gentil Ariadne fallava muito nos passaros, canarios, estorninhos, rôlas, toutinegras, e pouco nas necessidades do coração. Sentia-se apathica.

O philosopho buscava sacudil-a do lethargo mental com suas theorias, e a proposito de tudo fazia-lhe discursos e prelecções.

— Os homens e as aves, dizia elle, são organismos compostos dos mesmos elementos para o gozo da vida; mas ainda quando a natureza pareça madrastra, é sempre mãe imparcial. O polypo, que vive grudado ao rochedo, goza da sua vida contemplativa. É uma especie de philosopho pratico que reduziu os seus conhecimentos, toda a sua sciencia, a esta formula unica: « Agarra tudo quanto passar a alcance dos teus braços e leva logo á boca ». Observe V. Ex. a profundeza d'essa maxima, que, em poucas palavras, indica o fim da existéncia e os meios de conserval-a.

« O polypo tem habitos do philosopho sedentario; mas infelizmente o philosopho sedentario não tem os braços do polypo. »

E com habil transição,

— Em summa, pouco se importa a natureza com tudo isso. Philosophia, sciencia, artes... nonadas phosphorescentes! Não é para isto que nascemos. »

— Então para o que?! pergunta Ernestina admirada.

— Para um fim, que agora deixo em silencio, e para outro... que... que... é o amor!... »

Mostra-se a moça surpresa das palavras e commoção do seu medico, o qual, prudente como era, adia operações mais decisivas. Por isto a en-

trevista, que promettera ser decisiva, acaba sem mais incidente.

Agenor, porém, fizera uma descoberta.

Os modos de Ernestina, meio zombeteiros, meio românticos, seus espasmos nervosos, suas exultações, as lágrimas sopitadas, impaciências mal disfarçadas, a mesma indiferença com que parecia acolhê-lo, tudo concorria para a revelação. Chegára ella á idade e ao momento psychologico em que se faz sentir victoriosamente e localizada — segundo dizem — no pericardio, esta necessidade, que se chama amor.

Assim, pois, promette a si mesmo ser n'outra occasião energico como convinha. E a occasião apresenta-se pouco tempo depois.

Era de tarde — uma lindissima tarde.

O lobo, porém, disfarça-se em cordeiro e veste a pelle do espiritalismo. Torna-se até eloquente :

— De que me servem, exclama elle dolentemente, todas as seguranças que me dá a sciencia? Tambem por vezes experimento um mal-estar indizivel, uma agitação impotente... Eu, como tantos outros, não raro sonho com os olhos abertos. Ah! se me fôra dado sentir o consolo da fé, quando colho fructo tão amargo da minha pretendida superioridade scientifica! Se eu pudesse com sinceridade crêr que a nossa individualidade é eterna e indestructivel; que ella, consciente do passado e dos mysterios da vida, fica errante nos espaços

debaixo da fôrma ethérea da alma... que esta existencia terrena nada mais é do que um ensaio de outra apropriada a organismos depurados, mais perfeitos e n'um mundo melhor!... »

Como canta bem o nosso doutor! Como abemólá a voz, como é melliflúo, assucarado, insinuante na deducção das suas theorias de emprestimo, que espalha geitosamente á maneira de perfido visgo!

Ernestina, presa ás suas palavras, possuida de zelo apostolico a bem da conversão d'aquelle incredulo, que mostrava querer tomar o caminho de Damasco, incitava-o a proseguir com calido aperto de mão.

Sentados um ao lado do outro n'um banco silvestre, viam o sol atufar-se nas aguas do lago que se tingiam de rubros reflexos, ao passo que o manto do crepusculo tenue se desdobrava, qual finissima gaze a subir da planicie para a cumiada dos montes.

A natureza inteira fazia silencio. Calára-se o mesmo doutor.

Alguma cousa, porém, uma voz, segredava insistente ao ouvido de Ernestina.

— Porque vives assim? Estás condemnando-te a supplicio lento e sem fim; domar-te, vencer-te, esmagar o teu coração, esquecer que tens vinte annos, que estás na idade de amar e que a belleza chama o amor. Deves para todo o sempre apagar o fogo dos teus olhares, a graça dos teus sorrisos,

não deixando nunca que se inflamem senão ardores tímidos que não ousarão declarar-se e se finarão, faltos de esperança? És moça, bella e caprichosa, e entretanto sujeitas a tua juventude, tua formosura, os teus sonhos a uma senilidade precoce e inaturavel! »

A situação tornara-se critica.

O doutor sorria meio acanhado, meio triumpante. Vacillava Ernestina.

E a voz dizia sempre:

— Não nasceste para te consumires na solidão, para emmurchecer na aridez do sentimento e mumificar o teu coração. Olha, olha em derredor de ti; tudo te dirá logo quanto és desejada, quantos cahiriam aos teus pés, loucos de amor. Busca um coração são e leal; na multidão leviana e vaidosa procura um homem digno de ti e sem hesitações, sem corar, dize ao mundo inteiro — É elle, é elle a quem amo! »

Ernestina sentia-se perdida. A cabeça andava-lhe á roda vertiginosamente, e uma lassidão immensa quebrava-lhe o corpo; de tudo quanto a cercava nada mais via do que o sorriso de supplica que pairava na physionomia afogueada e meio ridicula do doutor, ajoelhado quasi aos seus pés.

De repente uma voz — essa externa, estridula, metallica, galhofeira, gritou: « Não é elle! Não é elle! »

E um bando de estorninhos pousou com alegre

alarido na copa da arvore que servia de encosto ao banco sylvestre.

Ergueu-se Ernestina de subito, e venceu logo a obsessão que a opprimia.

Estava salva!

« Uma hora depois, diz Salvatore Farina, despedia ella graciosamente o seu medico, recomendando-lhe alguma pressa, afim de chegar ainda com dia á casa. »

O doutor ia furioso!

V

O capitulo que se segue á despedida do doutor — *Vozes do campo* — é bellissimo, e com esforço resisto ao desejo de traduzil-o por inteiro.

Ernestina sentia-se feliz « e seu coração batia acceleradamente ; parecia animada de pouco habitual energia, influenciada de mysterioso enternecimento. Olhou então em torno de si, e só vio scintillações... As borboletas crepusculares, os passarinhos a chilrearem baixinho na ramada, as luciolas, os grilos e até as rélazinhas eram outros tantos embaixadores da natureza, que á uma lhe davam o mesmo conselho : « Fica comnosco », e lhe ministravam a mesma consolação. « Aqui é a paz que aligeira o penar da existencia ; aqui se goza o eterno amor ; contempla-se a eterna bel-

leza; ouve-se a eterna harmonia!... » Quando se calaram todas essas vozes, achou a natureza outras para fallar á alma de Ernestina: « Boa noite! » dizia-lhe a brisa, beijando-lhe as faces e brincando com os seus cabellos. « Fica connosco! » murmurava a frança movediça dos arbustos, e a voz solemne que subia do lago e a que descia da cópa das agigantadas arvores, em unisono magestoso, pediam-lhe a mesma cousa. »

Decidira ella acabar os seus dias allí, sem perder nunca mais uma só nota d'aquelles divinos concertos, e... oito dias depois partia para Milão.

N'esse tempo todo, estava Leonardo, o marido, a viajar de um lado para outro até chegar a Spa, onde a sua myopia augmentou de modo a assustal-o muito.

O doutor, comtudo, não desistira das suas intenções mephistophelicas, e continuára o seu systematico cerco, acreditando-se todos os dias em vespas da victoria que almejava. O sorriso de Ernestina, entre melancolico e promettedor, lhe dizia sempre: *amanhã, amanhã*, e por nada quereria elle pôr a perder todas as suas combinações estrategicas com algum movimento tactico imprudente. Pretendia as honras de um arco de triumpho.

N'um bello dia, chega Leonardo a Milão, cégo, completamente cégo.

Agenor é quem communica a noticia á mulher,

e ella, sem um momento de vacillação, declara-se prompta para ir soccorrer na desgraça a seu marido. Cahem de subito todas as prevenções: desaparece n'um apice a lembrança dos aggravos, das queixas, discussões e abandono. Commoção immensa estortega-lhe o coração, e ella a si mesma confessa que ama estremecidamente aquelle de quem, mezes antes, se separára com tamanha alegria.

Desde este ponto torna-se a narração um mimo de graça, cheio de valor emocional, profundo e verdadeiro.

O encontro é sobremaneira tocante. Ernestina entra, sem ser percebida, no quarto em que Leonardo, sentado n'uma cadeira, chora a sua desgraça, envolvido nas trevas de completa cegueira.

— Bartolo, diz elle de repente, dá-me agua, estou com sêde.

Apresentou-lhe o copo uma mão que não era a do criado.

O infeliz, ao tomal-o, estremeceu.

Do seu lado Ernestina tremia dos pés á cabeça. « Olhou para o rosto macilento do marido, e, á claridade indecisa do quarto, viu duas grandes lagrimas que emergiam lentamente por baixo da negra venda. Então se dissipou tudo: adiantou-se rapida, tomou uma das mãos do doente e apertou-a de encontro ao peito; mas não pôde fallar.

Leonardo sorriu. « Ernestina, disse elle !... Um soluço foi a resposta. »

As scenas de intimidade, nas quaes o amor vai progredindo, progredindo, até fazer explosão, são contadas com muita naturalidade e delicadeza. Ha seus momentos em que as antigas prevenções parece quererem voltar ; mas depressa fogem. A reconciliação, comtudo, ainda não fôra completa. Reciproco acanhamento tolhe aquelles dous entes que já se amão com paixão.

A cada instante paira o nome de Ernestina nos labios descorados do enfermo, e ella, solícita, rodêa-o d'esses enternecedores cuidados, que só uma mulher no mundo nos póde dispensar.

N'uma tarde chama elle pela esposa, que se deitára n'um divan. Ninguem lhe responde. « Ernestina, estás dormindo ? » Silencio. « Ernestina ? » Nada. Levanta-se então Leonardo com cautela, e, guiado pela respiração tranquilla da bella enfermeira, que estava comtudo de olhos bem abertos e toda risonha, chega-se junto d'ella. Inclina-se por sobre seu rosto ; não ousa ; volta a cabeça de um lado para o outro como se pudesse espreitar, e afinal dá-lhe um beijo fugitivo, voltando logo para a sua cadeira, a sorrir como se houvéra alcançado immenso triumpho.

« Uma lagrima cahira no lugar em que pou-sára o primeiro beijo de amor do seu marido. »

VI

Durante esse tempo, o doutor Agenor fazia soliloquios.

« Meu amigo, dizia elle com os seus botões, convém examinar a situação. Não tens tempo a perder; do contrario, adeus, Ernestina! Quando eras hontem um vencedor, que por favor concedia treguas; hoje corres o risco de ter que levantar o cerco e começar a retirada. Attenção com o que acontece. Os Leonardos cegos constituem o ideal das Ernestinas reduzidas a capitularem nos braços de um doutor.

« Têm-se visto mulheres que pareciam dispostas a fugirem do tecto conjugal, lá se deixarem ficar, porque os maridos não podiam presenciar a escapúla... Vamos, recapitulemos as idéas; juntemos as forças e decidamo-nos... Dr. Agenor, tens sido demasiado generoso! Um homem como tu, grande, forte, não de todo feio... com uma cabeça expressiva... É uma vergonha... O espelho dirige-te epigrammas... Confiaste demais nos encantos da tua guedelha leonina, na fraqueza da fibra feminina, e isto não bastou. Convinha audacia... Confessa, meu doutor, foste timido como um seminarista...

« Mas, não te esqueças de barbear-te... Uma barba bem feita, bêm escanhoadada, é quasi metade da belleza... Vamos, duas vezes a navalha por

aqui... Cuidado com o laço da gravata... Põe o teu paletó da manhã... Punhos de fóra, nem muito, nem pouco... Chapéu bem vertical na cabeça, nada de derreal-o para traz ou á bolina... Um ultimo olhar ao espelho... Estás prompto, não é? Toma a bengalinha, teus jornaes, perfeitamente. Agora silencio! Chegas á casa do amigo Leonardo, e alli, apenas avistares Ernestina, te atiras a ella e lhe ferras apertado abraço. O caso é este; se a não abraçares hoje, é fazer cruzes!»

Com tão boas intenções, desce Agenor solemnemente a escada da sua morada, e, depois de ter por dever visitado alguns doentes, vai dar cumprimento a outro dever, mais contestavel.

Eil-o chegado á casa de Leonardo. Busca o quarto do enfermo. Uma moça abre-lhe a porta. Offuscado pela repentina escuridão, escancara os braços e n'elles aperta... quem? A prima Rinucci, que viéra visitar o infeliz casal, e na occasião interrompia as suas lamurias sobre a desgraça de ser cego!...

Doutor, doutor! que *espicharetur!*

Desculpa-se como póde, querendo fazer crer que por acaso trazia os braços abertos, esperando que Leonardo — sem vista, o coitado! — viesse ao seu encontro... mas a tudo isso Ernestina sorri, e a prima Rinucci córa pudicamente. Acha Agenor um homem muito amavel, essa prima Rinucci, já madurinha em annos.

O doutor, porém, está sobre brazas.

« Minha senhora, diz elle aproveitando uma vasa, preciso explicar-lhe...

A timida Virginia abaixou os olhos.

— Falle com papai, respondeu ella. D'aqui a pouco estará aqui.

O homem ficou sem respiração. De repente sacudiu-se; apertou a mão de Leonardo; cumprimentou ás pressas as senhoras... e, pernas para que te quero!

Outra tortura estava-lhe reservada; o amigo commette-lhe incumbencia toda diversa da do começo da nossa historia. Agora deve elle ir comunicar a Ernestina que do arrependimento mais sincero se haviam formado os degráos, pelos quaes subira violento amor a escalar-lhe o coração.

Vacilla Agenor, mas afinal dá conta da sua missão com um ar de melancolia e vexame, gaiato quanto possível.

Ernestina acolhe-o benevola.

— Vocês dois, diz ella, são corações de ouro.

— Mas quero uma resposta. Leonardo está impaciente.

— Peço tempo, responde artificialmente a moça.

E fica só.

Á noite pergunta-lhe Leonardo com certa timidez:

— Que te disse Agenor?

— Nada de particular. Recommendou-me, como de costume, dar-te o remedio ás horas que marcou.

— Nada mais?

— Nada.

— Então boa noite!

Ernestina vai para o seu divan, e repetem-se a scena e a manobra ingenua do primeiro beijo.

« Quando, porém, Leonardo se erguia, diz Salvatore Farina, dous braços o prenderam de repente, e uma voz cheia de carinhos e soluços lhe disse entre mil beijos: « Meu marido! meu adorado maridinho! » O infeliz não estava mais cego: via o paraíso! »

VII

Tornara-se imprescindivel uma operação. Ernestina desenvolvia uma coragem e actividade, de que não se suppuzera capaz. A prima Rinucci já não sahia de casa a ajudal-a, o que fazia o doutor Agenor suar frio, empallidecer e corar a cada instante.

Um especialista responsabilisa-se pelo exito: não haja receio.

No dia, no dia decisivo, ajoelha-se Ernestina aos pés de Leonardo e prende-lhe as mãos, que aperta convulsamente, infundindo animo e resignação. Um grito, outro!

— A luz ! clama o operado.

— A luz ! Viste? pergunta a mulher n'um transporte de alegria.

— Nada vi, responde elle acabrunhado.

— Esperemos, balbucia Ernestina.

— Espere com confiança, aconselhou o medico.

No meio da densa escuridão, um só pensamento occupa o cerebro do doente: « Vêr Ernestina, vêr sua mulher, o ente que lhe pertence! Que lhe importa o mais em toda a natureza? »

Afinal, na hora marcada, tiram-lhe osapparelhos, e elle solta um grito immenso:

— Estou te vendo !

E o grito finda em estrepitoso pranto.

E doces lagrimas jorram dos olhos de todos. O mesmo Dr. Agenor chora... e não são lagrimas de crocodilo.

A prima Virginia chegara um pouco tarde; mas assim mesmo tem um ataque de nervos e d'ahi por diante não admite que ninguem a trate, senão o medico da sua confiança, o famigerado Agenor.

Um mez depois, Leonardo entrava em franca convalescença. Curara-se a um tempo da cegueira da intelligencia e do corpo. Continuava a só ver paraísos nos olhos de Ernestina.

Uma tarde ouvem um estampido. E d'ahi a pouco apparece o Dr. Agenor com uma espingarda de caça a fumar.

— Sou um animal! Acabô de errar um estorninho a vinte metros de distancia, quando muito, e com carga de chumbo para matar um coelho!... Tudo me sahe ás avessas!

— Mas tambem para que matar um estorninho?

— Ora, quando não ha... outra caça...

— É que estás já ficando velho... e n'esse tempo deves cuidar em casamento...

— Achem-me então mulher...

— Está achada... minha prima...

— Hum!... Magra... um fuso de saias... muito loura!... Aliás, porque não? Sou gordo, grosso, com cabellos negros...

— Arthur Schopenauer abençoará essa união. Como se vê, tudo vai acabar bem.

All's well that ends well. Ernestina e Leonardo são felizes, felizes, quanto é possível sê-lo neste mundo. O mesmo doutor julga-se na obrigação physiologica de não deixar consumir-se de paixão a esganiçada Virginia Rinucci.

Achá até que a esposa, no fim de certo tempo, é amavel e sufficientemente bella, não só pelos attractivos pessoaes, como pelos cuidados de uma costureira franceza, de que é fregueza. Acha tambem um gostinho particular em tratar por *tu* a Ernestina, em virtude do seu novo parentesco.

— A minha Virginia, dizia elle uma feita, o

que quer é imitár-*te*. Lembra-*te* d'isto e attende para esta dupla responsabilidade, pois *tu* lhe serves de modelo.

« Tudo isto é muito bom, observa Salvatore Farina, mas ha uma contrariedade. Nos botequins e nos cafés caçoam á grande de Leonardo e do Dr. Agenor. »

Tal é esta primeira novella, que deixamos pallida e imperfeitamente esboçada. Os outros tres contos que se lhe seguem, embora mimosos e engraçados, não valem, como já dissemos, este, cuja leitura deu-nos bons instantes de despreocupação.

Abençoado o auctor que, com legitimos direitos, entra para as fileiras d'esses benemeritos da humanidade, de quem dizia o immortal poeta :

« *Those who made our mortal labours light !* »

A PRINCEZA DE BAGDAD

DRAMA EM 3 ACTOS.

POR

ALEXANDRE DUMAS FILHO



I

Durante muitas semanas, foi, em 1881, a *Princesa de Bagdad* motivo de grande preocupação e largas discussões no mundo litterario.

Assignada pelo prestigioso nome de Alexandre Dumas filho, sem duvida o mais illustre de entre os fecundos dramaturgos contemporaneos da França, tornou-se a primeira representação occasião de demonstraões hostis, sendo a peça condemnada com intransigente severidade e pateada com estrondo, que tomou feição de escandalo e odiosa cabala.

De tal monta pareceu o acontecimento, que não houve quem, nas regiões da litteratura, se não sentisse abalado, ainda que debaixo do ponto de vista méramente argentario, ás mil maravilhas

servisse elle os interesses peccuniarios do autor e ainda mais dos empregarios. Acodia, com effeito, pressuroso o publico, querendo por si ver e julgar até que ponto chegára a parcialidade do terrivel auditorio da *première* e quanto ultrapassára as raias da justiça, no acto de desfeitear um membro da Academia de França, dono ha tantos annos da scena, e por tal fórma dono que a traz subjugada aos caprichos de theses, quasi sempre paradoxaes, mas sustentadas com admiravel talento.

Esse empenho pessoal, que em Pariz tomou grandes proporções, tambem entre nós se manifestou, pois de quantas peças nos deu, ha dous annos, o sympathico theatro Lucinda, nenhuma como esta attrahio tão seguida e intelligente concurrencia ao seu distincto recinto.

O que o publico do Theatro francez fez, com o seu aspero *verdictum* de 31 de janeiro de 1881, foi alvoroçar a curiosidade universal, a qual inquiriu durante bastante tempo com soffrego interesse, de que lado estava a razão, se do autor, se d'aquelle selecto, mas severo tribunal.

No nosso entender — hoje que já estamos longe d'aquelles successos — o publico da *première* teve razão; mas o autor tambem em parte a tinha.

Teve o publico razão, porque fôra chamado a julgar uma peça que se intitulava de costumes, e só achou em todo o desenvolvimento drama-

tico uma sociedade *sui generis*, cheia de elementos e situações meramente convencionaes. Esperava, de certo, por alguma these original e arriscada, como sóem ser as do theatro de Dumas; mas contava com fórmulas evolutivas mais ou menos bem travadas, que ameninassem as asperezas e singularidades do entrecho. Encontrou, porém, lances solvidos com vertiginosa precipitação, scenas violentas e inopinadas ou então enchiamentos um tanto enfadonhos e que de todo não vinham ao caso.

D'ahi uma reacção de estranheza e máo humor, que não pode ser reprimida. Aquelle drama parecia effeito de uma aposta.

Quando Zola e sua escola prégam, com incontestavel talento, a necessidade do estudo exacto e minucioso da natureza e realizam, sem dignidade embora, a sua tarefa, eis Dumas filho que toma a peito impôr á plateia mais fina, adiantada e sobretudo *impressionista* do mundo inteiro, uma peça toda ella de convenção, do principio ao fim.

A plateia reagiu e estava no seu direito.

Com effeito os typos que lhe foram presentes como fructos da aurea corrupção do seculo em que vivemos, de parizienses só têm as apparencias e a linguagem delicada e espirituosa. No fundo são todos facticios, pois a indole de cada um delles é como que arranjado a dedo pelo autor que se concentra demasiado em estudos e

combinações abstractas. Para formal-os, trabalhou muitissimo mais o cerebro de Dumas filho, do que o seu poder de observação, de que nos deu, comtudo, tão bellas provas em passadas produções.

Assombra-nos ainda n'esta a immensa ductilidade do seu talento ; mas até certo ponto lembra-nos aquelle celebre prato preparado pelo seu pae, o velho e genial Dumas, e que os mais experimentados *gourmets* de Pariz comeram com delicias. A materia prima era a mais singular e extravagante que dar-se póde : simplesmente rolhas de garrafa cortadas em finissimas tiras. O môlho salvava tudo.

De relance figurou-se aquelle drama um *debique* ao publico, e quando este despota, tão bonachão por vezes, suppõe, de longe sequer, qualquer intenção n'esse perigoso sentido, zanga-se devéras, deixa de lado todas as considerações e saca do bolso a chave do Tannhäuser e de Tragadalbas. « *Vilain Monsieur, quand il se fâche ;* dizia Piron, arrostando formidavel pateada.

Havia, porém, da parte de Dumas filho aquella intenção ?

Não de certo ; estava de inteira boa fé e procedeu com indiscutivel lealdade. Possuira-se de uma idéa ; ministrára-a, em diversas occasiões, a dramaturgos que pediam o seu apoio e conselhos, e afinal decidira dar-lhe corpo e vida.

E qual essa these ?

Sem grande valor, mas que nas mãos de um homem da tempera de Dumas propiciava sem duvida largas ensanchas para lances vigorosos e patheticos.

Uma mulher, collocada entre as solicitações de um seductor riquissimo e teimoso e as irresoluções e incoherencias de um marido fraco, está irremediavelmente perdida. Só uma cousa póde salva-la : o sentimento da maternidade despertado n'uma occasião capital.

II

Aceitas as condições especiaes que geraram o character de cada um dos personagens de Dumas, chegaremos a typos curiosos e dignos de estudo, mas que certamente não têm os seus representantes no seio da sociedade normal, por falta habitual dos factores d'aquelles productos tão especiaes.

Para constituil-os e movel-os ao depois como titeres, quanta difficuldade !

Em primeiro lugar, Lionnette, a figura capital, resultado dos amores de uma mulher corrupta, vendida pela propria mãe, e de um principe de casa reinante, mancebo mandado a Pariz para se iniciar nos mysterios da vida alegre, casto de mais nos começos do seu noviciado e depois pervertido e descrente, como qualquer devasso *bon*

vivant. Nasce ella no meio do luxo, e da dissipação; tem altivez nativa, mas consente em continuas miserias e com ellas se dá bem; faz questão de umas cartas de seu pae por sentimento mystico e um tanto pueril; prefere os maiores insultos a cedel-as, e depois as entrega; casa com um homem irresoluto, imbelle, a quem arruina e despreza, embora o ame no fundo do seu coração; quer os fins, mas não os meios, caracter que pretende ser energico e bem *accentuado*, mas é indeciso e não sabe a que estímulo obedeça. Arrebatada em todas as suas resoluções, amontôa contra si provas acabrunhadoras da sua culpabilidade e desfaz tudo com uma simples palavra. Quer, exige que todos a acreditem, se prostrem a seus pés, a adorem. Vivendo nos circulos mais duvidosos, respirando desde em criança atmospha viciada, rompendo com todos os laços que habitual e naturalmente prendem uma mulher á virtude e ao dever, resiste ás mais entontecedora vertigem, unicamente porque tem nas veias uma particula de sangue real. Assim mesmo lá vai ella, cahe não cahe, quando de repente eil-a içada ao pinaculo da perfeição pela salvadora intervenção de um filhinho, que até ahí não lhe fallára á alma senão com força instinctiva, verdadeiro artificio de scena que sé tornou celebre em situações melindrosas.

Foi a gotta d'agua que fez transbordar a

paciencia do publico da *première*, levado tambem pelos sentimentos do *opportunismo* republicano a protestar contra o valor do pretendido talisman para as virtudes femininas em risco imminente de naufragar: ter gottas de sangue de reis na circulação. Fôra Lionnette simplesmente filha de bons e honestos burguezes e não de um monarcha que nas férias do seu reinado divertira-se á grande em Pariz, e teria cahido logo ás primeiras investidas do pesadão e somnolento Nourvady.

Mas quem era o marido d'aquella arrebatada mulher? O conde João de Hun — homem fraco, que achou, comtudo, na vehemencia esmagadora de uma paixão forças para resistir á sua mãe e até deixal-a morrer de vergonha e de desgosto; mas incapaz de oppôr a menor opposição aos caprichos e desmandos ruinosos da esposa. Até ahi bem; mas d'esse ponto em diante caracter impossivel. Nutre ciumes, ciumes vehementes, perfeitamente justificados; accumula provas irrecusaveis da sua desgraça; é um Othello, só pensa em vingança, arde por ella; tem sangue de gentil-homem nas veias e, chegado o momento terrivel da desforra e do castigo, recorre á policia, acompanha agentes subalternos, dirige-os e diante d'elles cobre a sua mulher de improperios, expondo-a ao mais degradante inquerito e achando no aviltamento commum lenitivo á sua dôr. De repente

cahem por terra todas as suas prevenções, e elle se atira, a implorar compaixão e esquecimento, aos pés de Lionnette, justificando em todos os seus actos o dito de Trevélé, confirmado plenamente pelo juizo do espectador : « *Pauvre diable !* »

Typo facticio e exagerado, nunca consegue interessar o publico que lhe dá ás vezes razão, mas nega-lhe todas as sympathias. Busca conservar illesa o que elle chama honra da familia, falla muito n'isso ; mas sustenta luxo a poder de dinheiro obtido por portas travessas, consegue a esposa, fazendo todas as concessões possiveis e, no momento da reconciliação, ainda alcança mais alguns cobres por um arranjo que a moral mais condescendente teria difficuldade em tragar.

Quanto a Nourvady, o filho do banqueiro, é um personagem massante e perfeitamente antipathico. Tem 40 milhões de francos e muito pouco espirito. Ama como louco a condessa ; quer impôr-se fatalmente a ella, mas não comprar o seu amor. Entretanto só falla em dinheiro, de cujo poder de fascinação espera tão sómente a almejada conquista. Até lá, porém, faz mil tolices, tornando flagrante o disparate do seu sentimento que quer conservar-se puro e na região do idealismo, com a brutalidade dos meios tendentes a satisfazer esse amor.

Com muito menos ambages, melhor exito e de accôrdo com as suas intenções, andou Jupiter,

de mythologica memoria, quando cahio no regaço de Danae transformado em chuva de ouro. Nourvady tinha muito dinheiro, mas pouco geito para o papel de seductor, de que forçadamente o encarregou o autor. É illogico em todos os planos que emprega para chegar aos seus fins e elle, o apaixonado implacavel, grosseiro em todas as suas phrases, sinistro como um Kalmuko, feroz e calmo em seu projecto, de repente péga do chapéo e lá se vai ás carreiras, como um namorado de dezoito annos a fugir de um tutor ou de um marido!

Até o empregado da policia que figura na celebre scena do milhão de ouro virgem não é um typo verdadeiro e dentro das cordas do seu ministerio. Ao fazer o seu extenso e aborrecido arrazoado, declara a cada instante que julga só sobre provas; tem-as em abundancia, presença scenas que revoltam o proprio espectador, sciénte comtudo da pureza corporea de Lionnette, e entretanto sem poder ter essa sciencia, sem conhecer antecedentes, sente-se como que illuminado, proclama a accusada livre de qualquer culpa e aconselha até ao marido que, retirada a queixa, reconcilie-se com sua esposa, muito embora a macula de escandalo que chamou sobre si.

Força é confessar que já ahi ficámos longe, bem longe do processo moderno scientifico de investigação, pois a innocencia de Lionnette proclamada pelo tal delegado de policia entra nos

domínios da methaphysica, vindo em linha recta de subitanea inspiração de quem só deve julgar sobre um conjuncto de factos, procurando n'elle as verdadeiras causas efficientes.

De todos os personagens do drama, Godler e Trévélé são os mais chegados á verdade e portanto os que mais nos agradam. Representam bem esses amigos da sociedade actual, ou antes de todas as sociedades, que têm o olho na mulher do dono da casa, mas dão-lhe provas de dedicação. É-lhes permittido, e fica-lhes bem, lagrymejarem no fim da peça sobre uma reconciliação impossivel arranjada á ultima hora, e quando tudo estava perdido, por uma especie de tabellião, que funciona como um *deus ex machinâ* para pôr no olho da rua o desazado Nourvady e empurrar nos braços da esposa o conde de Hun arrependido.

As lagrimas de Trévélé e Goldner não enterneceram o publico que, sobretudo no final, cobrio as ultimas palavras do drama com formidavel pateada.

O que vale, em summa, esta nova producção de Dumas filho?

É sem contestação obra finamente cinzelada, de perfeito cunho litterario, mas para a qual estão reservados tão sómente a curiosidade e os applausos ou as censuras do momento.

D'aquí a dous ou tres annos, ninguem se lembrará talvez mais da *Princeza de Bagdad*.

DORA

DE

VICTORIEN SARDOU

PALLADINI E BRAZÃO

Dos dramas de Victorien Sardou não é este por certo o de que mais gosto. Tem o inconveniente das peças de ocasião, e o seu exito estrondoso em Paris foi devido á exaltação social e politica do momento, que actuou sobre o autor dramatico.

Terminára então a guerra, a desastrosa guerra allemã, e os francezes, e sobretudo parizienses, dominados por esse espirito peculiar á raça gauleza já especificado por J. Cesar nos seus *Commentarios*, queriam attribuir todas as suas tremendas desgraças a mil causas, menos á verdadeira.

Uma d'ellas e das mais bem aceitas n'aquelle periodo pela opinião, pois redundava particularmente em desconceito da politica bismarkiana, era a *espionagem*, ou como melhor se diz e deve dizer-

se em portuguez castiço: a *espiagem*. Pretendiam que por esse processo desleal haviam sido gradualmente corrompidas todas as classes da sociedade franceza, descobertos os seus mais importantes segredos e estudados todos os pontos fracos da sua organização militar, emmaranhando-se tenebrosa teia, cujos fios convergiam para um centro pensador e mysterioso — o gabinete do terrivel ministro do rei Guilherme. Alli quedava uma enorme aranha, aranha feroz, capaz de todas as atrocidades, pelluda, verdadeira tarantula cheia de veneno, a que nós, brasileiros, chamariamos carangueijera — o Sr. de Bismark.

Sem duvida em todas essas supposições havia alguma verdade, á qual não faltou muita exaggeração. Varios planos dos homens de estado e de guerra da França chegaram ao conhecimento do Chanceller de ferro por canaes escusos e vias tortuosas, mas no estado de desorganização moral em que se achava, no anno de 1869, aquella generosa nação, não foi com certeza a *espionagem*, apezar de toda a sua actividade e irradiação, a causa capital dos pasmosos factos, que o mundo contemplou com assombro.

Embora não seja este ligeiro estudo, *escripto ao correr da penna* na phrase que está hoje em moda, occasião azada, direi muito á puridade que, lamentando profundamente as infelicidades da França, a que me ligam tantos laços, sempre con-

siderei o triumpho da Allemanha uma lição cruel para os vencidos, mas proveitosa para a humanidade.

Filho da raça latina e entusiasta da minha origem, não posso com tudo querer escurecer a verdade philosophica dos factos. Com os allemães, venceram a logica e a ordem moraes e sociaes. Isto é incontestavel.

O pharol que sempre nos guiou e guia — a todos nós aryanos — depois dos desmandos do reinado de Napoleão III, estava demasiado fosco e andava em mãos de gente que não cuidava das condições de luz, capaz pela pureza e brilho de bem dirigir a sociedade moderna.

Teremos melhorado de 1870 para cá? Em certos pontos, não; no geral, penso que sim. Em todo caso a França está avisada e póde por isto ter a Allemanha em conta de leal inimiga.

Voltemos, porém, á *Dora*.

Firma-se todo o enredo n'uma questão de *espionagem*. Ahi são senhoras, de mais ou menos boa sociedade, que subtrahem das mãos e secretárias dos seus amantes e maridos cartas e documentos compromettedores e de grande alcance politico, para remettel-os aos governos estrangeiros que as assalariam, dando-lhes meios de viverem no meio do luxo e cercadas de todas as regalias da opulencia.

São, pois, situações excepçionaes e só possi-

veis em épocas limitadissimas do viver commum e universal; episodios restrictos a uma ordem de cousas transitoria.

D'isto resulta que *Dora*, como toda composição da mesma tonalidade, ainda que possua poderosas e notaveis qualidades scenicas, só pôde ter influencia litteraria relativamente curta. Desapparecido o interesse palpitante que dava realidade a todas aquellas combinações dramaticas, só fica o esforço do auctor para ligal-as e d'ellas tirar o maximo proveito. Aos poucos se vai apagando a verosimilhança que dá tamanha força, e incute tão grande vitalidade ás producções theatraes.

Alli não ha d'esses typos que pertenceram de todo sempre á sociedade universal.

Não é como em outra peça d'esse mesmo Sardou, aliás menos bem feita e travada, os *Intimos*, onde os ha tão verdadeiros e reaes em Paris, como em Londres, no Rio de Janeiro, em Cuyabá, Pekin, Melburne, até entre Samoyedas e Mundurucús, em toda a parte emfim em que se congreguem homens com certa estabilidade — aquelles bons *intimos* mais ou menos civilizados que acabrunham o amigo com provas de estima, o festejam, o abraçam, o acompanham por toda a parte, mettem-se nos seus negocios particulares, alardeam dedicações, ás vezes d'ellas dão prova, o exaltam e acariciam; mas intimamente se re-

gosijam das suas decepções e ridiculos e são os primeiros a lhe annunciarem más noticias para. o consolarem—todos emfim promptos para, na occasião propicia, lhe tirarem o chapéu da cabeça, o charuto da boca, e a esposa dos braços.

Sobretudo nas sociedades polidas formigam esses adoraveis amigos. São simplesmente esplendidos! No fim das suas expansões apologeticas trazem sempre engatilhadas umas conjunções adversativas *mas... posto que... ainda que*, com reticencias que abrem pórtas largas a todas as ressalvas, quando não sejam temerosas calumnias.

Entre nós, com o nosso systema de litteratura jornalística, ha para os nossos *intimos* outra abundante fonte de satisfacções, que os da Europa não conhecem. São elles os primeiros que devoram os *a pedido* insultuosos e folhetins denigrentes; sorvem sofregamente aquellas linhas, entremeiando-as com góles do café matutino; vestem-se ás pressas e lá vão pelas repartições e rua do Ouvidor, espalhando a fama d'aquellas phenomenaes descomposturas que contrariam um tanto indignados, não só pelo rigoroso dever de uma amizade desinteressada e até heroica, mas tambem e principalmente para ouvirem gostosas confirmações nos grupos em que param, aqui e acolá.

Sim, os typos dos *Intimos* são de todos os tempos e occasiões.

Em *Dora* não os encontraremos tão viva-

mente pintados. Ha alguns de simples convenção. A protagonista, comtudo, é uma bella creação — formosa rapariga de sentimentos honestos, mettida n'uma sociedade devassa que aos poucos a empurra para o terreno resvaloso do *demi-monde*. Lucta ella e lucta com coragem. Encontra afinal um rapaz distincto, que a toma para mulher legitima.

D'este ponto em diante é que realmente começa o drama de Sardou, mas drama de feição pariziense e do Paris de 1870—1872 ou 1873. Ha um furto de cartas, officios e documentos que levanta suspeitas vergonhosas a envolverem a pobre da Dora, cuja innocencia acaba por triumphar e a faz chegar incolume e com toda a pureza ao porto de salvação—o lar da familia. Nunca aspirára, e com toda a razão, como mulher sensata e nobre, maior recompensa.

É um ente feliz. D'aquelle dia em diante, não ha de ter mais historia. Deixemol-a.

Em Paris vi a *Dora* interpretada por uma grande actriz, M.^{lle} Blanche Pierson, no theatro Vaudeville.

Achei a execução irreprehensivel : eis tambem a razão porque não gostei muito do modo de interpretação da Sra. Paladini. Sem duvida é essa actriz pessoa de vasta intelligencia e extensos recursos, conhecedora exacta dos difficeis segredos da arte. Vê-se, porém, que é artista educada para

tragedias ou dramas de character mais violento, que não os de salão. Tem gritos, soluços e exclamações que destoam e relembram os lamentos de Desdemona, os queixumes de Ophelia, os arrulhos de Julieta ou as invectivas de lady Macbeth.

Tem ademanos, movimentos, arrancos e constrangimentos de quem está acostumada a vestes amplas e se sente apertada, acanhada nos trajes modernos. E como prova da muita consciencia artistica, é que se vê a cada instante o esforço que ella faz para abafar a voz e reprimir o gesto. No 3.º acto a gargalhada com que finda a indignação de mulher, offendida em seu melindre é demasiado estridente, prolongada com evidente exaggeração.

Falla a Sra. Paladini bem o portuguez, com muito pouco sotaque, sendo justa a observação que já fizera, creio que a *Gazeta de Noticias*, de que parece lingua brazileira o que ella está fallando. Tem, porém, umas aspirações de garganta, uns suspiros de incommodativo estertor que me desagradam em extremo e de que abusa á saciedade.

Notei-lhe ainda algumas attitudes que lhe são affeioadas, mas parecem-me perfeitamente dispensaveis. É de certo commum a algumas pessoas, quando presa de qualquer preocupação, olharem fixamente para as unhas da mão esquerda, que a direita aperta; não sei, porém, se o habito é

proprio de quem, como a bella *Dora*, usou e usa sempre luvas.

Emfim, são pontos discutíveis. Tanto observam os artistas conscienciosos, como a Sra. Paladini; trabalham tão seguidamente em todas as phases da sua carreira, que as censuras dos criticos podem muitas vezes não ter fundamento.

O que, porém, se nos figura defeito sensível, são as repentinas notas agudas, com que nos fere os ouvidos na declamação de certos trechos.

Prefiro a escola franceza e o modo de dizer singelo e raramente alterado de M.^{lle} Pierson e das grandes actrizes de Paris, que a Sra. Lucinda de quando em quando nos recorda.

O Sr. Brazão é credor de applausos. Tem dicção correcta, rapida e mostra comprehender perfeitamente o seu papel. Infelizmente é ás vezes pouco animado e, ainda mais infelizmente, não raro perfila-se em scena como o Sr. Torres, da companhia Furtado Coelho, isto é, á maneira de um recruta, com os calcanhares rigorosamente unidos, os pés formando um angulo de 60° e prompto para romper uma marcha solemne ao som de funebres harmonias.

ALGUMAS RECTIFICAÇÕES

Ha dias, abrindo eu ao acaso o 3.º volume da noticiosa, embora muito precipitadamente escripta, obra do Sr. conselheiro João Manuel Pereira da Silva, *Historia da fundação do imperio brasileiro*, li, á pag. 146 da secção em que falla do desenvolvimento intellectual e material do Brazil depois da chegada da familia real ao Rio de Janeiro, as seguintes linhas:

« Marcos Portugal, passado da Italia para o Brazil, obteve alguma fama, e José Mauricio dedicara o seu engenho a objectos sacros e festividades. »

E em nota :

« O primeiro era discipulo de Haydn, e o segundo, nascido no Rio de Janeiro, foi mestre de capella da cathedral de Coimbra e veiu para o Brazil em 1810. »

Ora, n'estas poucas palavras ha grande erros, grandes equivocos, além de grave falta de apreciação historica; e tudo isto convém ser devidamente discutido e rectificado.

I

Occupemo-nos primeiro com Marcos Portugal, cuja vida, depois do magistral trabalho sobre os musicos em geral, de Fetis ⁽¹⁾, das investigações mais individuadas de Innocencio da Silva, e do intelligente apanhado feito pelo Sr. Joaquim de Vasconcellos ⁽²⁾, está perfeitamente aclarada, e poucos pontos de duvida ainda offerece aos investigadores.

Se o nome d'esse mestre é hoje obscuro e quasi totalmente desconhecido no nosso mundo artistico, brilhou comtudo, exactamente na época que o Sr. Pereira da Silva procurou descrever, com extraordinario e incontestavel esplendor.

Constitue, pois, séria injustiça, e, o que mais é, flagrante anachronismo dizer que, em fins do seculo passado e começos do actual, obtivera Marcos Portugal *alguma* nomeada, quando a sua fama era universal, enchia o mundo inteiro, e as suas operas angariavam freneticos applausos em todos os palcos, desde os da longinqua Russia até ao do Rio de Janeiro, nascente em questões de arte.

Em 1787, o maestro portuguez, tendo apenas de idade 26 annos, colhera em Genova um triumpho pasmoso com sua opera *La baceleta portentosa*, e desde então suas producções scenicas, em numero

(1) *Biographie universelle des musiciens* — 10 vols.

(2) *Os musicos portuguezes* — Biographia — Bibliographia — 2 vols.

de 29 grandes operas, foram outras tantas victorias nos primeiros theatros de Italia, d'onde se passaram para todos os outros da Europa.

No meio de grande enthusiasmo, cantou-se em Milão, no anno de 1794, o *Demofonte*, que alguns consideram a sua obra prima, e, quatro annos depois, *Fernando no Mexico*, cujo exito ainda foi maior.

« No genero sério, diz F. Fetis, o *Demofonte* e *Fernando no Mexico* collocaram Portugal entre os melhores compositores da Italia, onde os seus trabalhos eram acolhidos com unanimes applausos. »

Ao algarismo de 29 ascendem, como já dissemos, as suas operas representadas na Italia, de 1788 a 1791, isto é, n'um periodo de 11 annos, o que deixa bem patente a pasmosa facilidade com que as escrevia.

D'essas 29, subiram 20 á scena em Lisbôa, 7 na Allemanha, 3 na Russia, 1 em Londres, e, quando em 1801, por ordem de Napoleão, se reabriu em Pariz o theatro italiano, uma das peças representadas logo foi *Il sedicente filosofo*, da lavra do maestro portuguez.

Não só, repetimos, o seu renome era dos mais estrondosos no mundo musical de então, apesar do terrivel tinir das armas, que devia abafar todos os outros *ruidos*, como suas composições se haviam tornado obrigadas ás mais conceituadas scenas. Assim tambem não se dava concerto algum em

que deixassem de figurar as celebres arias que as cantoras Catalani e Bellington, destacando-as da *Semiramide* e *Sofonisba*, gorgeavam admiravelmente e tinham popularizado nas côrtes da Europa.

Nas memorias d'aquelle tempo, um dos melhores subsidios de certo que a critica moderna encontra para a restauração de épocas passadas e reconstituição dos caracteres que n'ellas têm algum vulto e significação — achamos assignalamento muito particular do extraordinario orgulho de que se possuira Marcos Portugal, em consequencia de tão rapida e brilhante carreira, orgulho incommo-dativo para as pessoas da sua habitual convivencia, e que não pouco ridiculo para si chamava, provocando malquerença e desagradaveis reacções.

Em data de 28 de Setembro de 1813, escrevia com effeito Santos Marrocos, official da secretaria no Rio de Janeiro, a seu pai em Lisbôa ⁽³⁾, este curioso trecho :

« Marcos Portugal, ou o barão do Almiré, tem ganhado a aversão de todos pela sua fanfarronice, ainda maior que a do pão de lot: é tão grande a sua impostura e soberba por estar acolhido á graça de S. A. R., que se tem levantado contra si a maior parte dos mesmos que o obsequiavam: é notavel a sua circumspecção, olhos carregados, cortejos de superioridade, emfim apparencias ri-

(3) Citada pelo Sr. Joaquim de Vasconcellos.

diculas e de charlatão. Já tem desmerecido nas suas composições, e um grande musico e compositor de Pernambuco (*) e que aqui vive e um seu antagonista mostra a todos os que o quizerem ver os logares que Marcos furta de outros auctores, publicando como originaes. »

Adiante accrescenta :

« É riso vêl-o á janella e em publico, todo empoado e emproado como quem está governando o mundo; mas enfim tem um grande padrinho, e, por este o ser, é affagado por outros. »

N'outra carta, Santos Marrocos carrega ainda mais a mão :

« Marcos Portugal, o *rapsodista*, celebre candidato na fidalguia pela escala de *dó, ré, mi* teve a insolentissima ousadia de me dizer que os manuscriptos (*uns papeis chegados de Lisbôa havia pouco*), nada valiam, etc. Metti a cousa a disfarce, e, olhando para os ares, lhe respondi que o tempo estava mudado e promettia chuva. Foi tão besta que não entendeu; mas dando quatro fungadellas, voltou costas e pôz-se a lêr uns versos. Que lastima! »

A opinião de Santos Marrocos não era de peso em assumptos musicaes, e mais se augmentou a intoleravel infatuação de Marcos Portugal com sua eleição em 1815 a socio do Instituto da França,

(*) Santos Marrocos não diz quem seja.

por proposta dos grandes compositores francezes Monsigny, Mehul e Lesueur, que o tinham, como proclamaram, na conta de *um dos homens que melhores serviços prestaram às artes.*

Às accusações de *vaidoso*, que lhe faziam os contemporaneos, responde o Sr. Joaquim de Vasconcellos com enthusiasmo :

« Vaidoso ! Podéra : não o podia ser um homem, recebido e victoriado em toda a Italia, nos primeiros theatros de Turim, Verona, Florença, Milão, Napoles, Bolonha, Ferrara, Veneza, Placencia, um homem cuja fama tinha penetrado na França, na Allemanha, na Inglaterra, até na Russia, na America, no velho e no novo mundo ?

« ... De certo que todas as honras que conseguira haviam afinal de convencer o artista do seu merito, e então negavam-lhe a convicção do seu justo valor ?

« Dizem que, quando estava na côrte occupando o seu lugar, se tornava reparado pelos seus ademanes excessivos, improprios do logar e do acto religioso ; os invejosos vão até mais longe, dizendo que era tão pretencioso que regia a orchestra do theatro de S. João, de um camarote. Concebe-se semelhante absurdo ? »

Tudo isto porém indica claramente que a importancia de Marcos Portugal era muito grande n'aquelle tempo. Entretanto, não durou muito, e quasi que de repente fez-se em torno d'esse nome

silencio e silencio tão inquebrantavel, que fôra, cremos, um impossivel levantal-o do esquecimento. Cumpre, porém, respeitando a verdade historica, não desconhecer o elevadissimo conceito que dos contemporaneos merecera, e, tratando-se de musica, ver n'elle como que aquelle magnifico astro, estrella de primeira grandeza, de que nos falla em seus calculos astronomicos Tycho Brahe, e que de subito desapareceo para sempre dos céus, sem deixar o menor signal da sua passagem.

Assim tambem a grande individualidade de Marcos Portugal. Filho todo elle da escola italiana a qual caminhava então para completa decadencia, a que teria chegado se não fôra o genio de Rossini, compondo com extrema fecundidade, ajudado pelas fórmulas convencionaes, commodas e já muito batidas da época, não soube imprimir a nenhuma das suas obras esse cunho valioso que infunde em uma producção artistica elementos de energica resistencia á acção do tempo e da critica.

Não dava elle, como aliás os melhores mestres da Italia nos fins do seculo passado, importancia alguma á orchestra, que se tornava um mero acompanhamento monotono, ficando perdidos todos os immensos recursos, que d'ella já tirava a grande escola allemã.

Visava só a um *effeito vocal* de convenção, fazendo de todas as occasiões e situações dramaticas pretexto para interminavel successão, ou

antes deducção de *volatas, fiorituri e gruppetti*.

Era um gorgear sem fim, sem vigor, sem contraposições, uma tonalidade uniforme, sem claros nem escuros, com chavões hoje insupportáveis aos nossos ouvidos, *chapas* que fariam o publico do nosso theatro Imperial erguer-se em massa, fugindo áquelle acervo de banalidades melodicás.

Acreditamos comtudo que a sua aria *Son regina*, que Fetis chama famosa, o cavallo de batalha de Catalani, e que o Sr. Joaquim de Vasconcellos analysa com algum cuidado e naturalmente bastante benevolencia, acreditamos que produza ainda certa impressão agradável : mas quando ha, hoje em dia, tanta cousa notavel que se ouvir, querer, com o illustre biographo portuguez, resuscitar Marcos Portugal, é uma d'essas tentativas só possiveis ás exagerações do chauvinismo.

D'onde provinha, porém, a maneira flacida, diluida e affectada do tão applaudido *Portogallo*? Da escola que adoptára desde os primeiros tempos da sua mocidade, e — força é confessar — da unica que podia ter seguido, por grande numero de circumstancias, muitas até de ordem geographica.

É quando, nem de proposito, nos diz o Sr. Pereira da Silva, que Marcos Portugal fôra discipulo de Haydn!

Entretanto, se tal se déra, é muito natural que com o talento de que dispunha o compositor

portuguez, sua musica, em vez de afundar-se no olvido e no silencio, ter-se-ia pelo contrario erguido cada vez mais; pois n'ella estariam contidos os germens d'essas grandes novidades que decorrem em linha recta dos primeiros classicos allemães, e tamanha influencia tem nos melhores productos da arte hodierna.

Marcos Portugal nunca foi, nem podia ter sido discipulo de Haydn. Nome muitissimo mais modesto — e com razão, perfeitamente desconhecido — dirigiu os seus primeiros passos e ajudou-o a apparecer — o maestro Borselli, professor italiano de musica em Lisboa e cantor lá pelos annos de mil e setecentos e oitenta e tantos.

Como poderia, além d'isto, receber lições do illustre mestre allemão? Nunca viajou elle a Allemanha, e Haydn só sahiu da sua patria para ir duas vezes á Løndres dar concertos.

Por todas as razões, pois, de separação — desde as de escolas completamente antagonistas até as de distancias nunca vencidas — não ha relação alguma entre o esquecido Marcos Portugal e o immortal Francisco José Haydn.

II

Tratemos agora do padre José Mauricio Nunes Garcia.

A respeito d'este nosso compatriota são os

equivocos do Sr. conselheiro Pereira da Silva muito graves.

Do mesmo modo que para com Marcos Portugal, parece o historiador fazer pouco na reputação que esse nosso compositor grangeára no Rio de Janeiro, quando desembarcou a familia real portugueza.

No estudo biographico, cuja primeira parte publiquei na *Revista Musical* do anno de 1880, deixei bem evidenciada a inexactidão de semelhantes juizos. O nome do padre José Mauricio era de certo ignorado no mundo civilizado, e infelizmente ainda o é hoje; mas na capital do Brazil sua reputação, nos começos d'este seculo, era grande, e tão grande o seu talento, que mal chegavam da Europa pessoas sabidas em cousas d'arte, não duvidavam consideral-o um vulto sobremaneira notavel nos dominios da musica.

Neukomm, esse sim, discipulo de Haydn, Marcos Portugal, ainda que obcecado pelo immenso orgulho, o rei D. João VI, entendido na especialidade, e os eminentes artistas francezes que vieram fundar a nossa academia das Bellas Artes, com surpresa encontraram n'este Rio de Janeiro um homem de côr, para o qual a musica não tinha segredos e que conhecia na ponta dos dedos todos os mestres allemães, cujas obras immorredoras constituem hoje, para assim dizer, a admiravel ossatura do corpo organico musical.

Se essa admiração, prestada pelos coevos, não alargou até ao presente o seu circulo de acção, é por não termos sabido ou querido cuidar sériamente d'aquillo que mais que tudo levanta o moral das nações e as engrandece: a protecção decidida ás lettras e ás artes. Quando n'este Brazil se gasta e se tem gasto dinheiro a rôdo, em cousas futilissimas, não foi ainda possivel conseguir meia duzia de contos de réis para salvar as obras do padre José Mauricio dos estragos das traças e da indifferença de pouco zelosos guardas.

Ha mais de cinco annos tentei, como adiante farei vêr, um esforço para que fossem impressas as mais notaveis das suas composições; mas, com o illustre gabinete de 7 de Março, cahio a modesta idéa, que tão cedo não hade com certeza voltar á tona.

Diz porém o Sr. conselheiro Pereira da Silva que o padre José Mauricio nascera no Rio de Janeiro, fôra mestre da capella da cathedral de Coimbra e viera para o Brazil em 1810.

D'estas indicações só a primeira é que é verdadeira.

O notavel mestre, com effeito, nasceu a 22 de Setembro de 1767 n'esta cidade do Rio de Janeiro, ondê se finou a 18 de abril de 1830, sem haver nunca d'ella sahido, razão pela qual

impossível lhe fôra ter sido mestre organista em Coimbra e feito viagens transatlânticas.

Ha ahí uma confusão de nomes, na qual aliás laboram ainda algumas pessoas illustradas, apezar da clareza com que Innocencio da Silva elucidou todas as duvidas.

José Mauricio, mestre da capella da cathedral de Coimbra, é outro compositor de prenomes identicos, nascido a 19 de março de 1752 e fallecido a 12 de Setembro de 1815. Este jámais sahio de Portugal, e Nunes Garcia nunca foi á Europa: um era padre, outro organista e tão sómente mettido com padres — ambos comtudo dedicados ao genero de musica sagrada.

Aliás, pelo que nos diz o Sr. Joaquim de Vasconcellos com louvavel e mascula imparcialidade, desfazendo os elogios todos de feição patriótica de Innocencio da Silva, fica o mestre portuguez a perder de vista do padre brasileiro.

Tem o *miserere* d'aquelle outro José Mauricio grande reputação; mas toda circumscripta a Coimbra, onde chegam a consideral-o superior ao *Stabat Mater* de Pergolèse! O escriptor musical faz-lhe, porém, a devida justiça, declarando « *que as nullidades officiaes por ignorancia absoluta da arte é que crearam esse immerecido renome.* » Parece que o tal *miserere* fica abaixo da critica.

Ao passo que aquella autor se pronuncia com tamanha isenção de espirito a respeito do seu

compatriota, lamenta, no artigo consagrado ao padre José Mauricio Nunes Garcia, « *não conhecer nenhuma das produções d'esse artista raro, que de pessoas entendidas e distinctas merecera os maiores elogios.* »

Ha dez annos escrevia o Sr. Joaquim de Vasconcellos estas palavras, que d'aqui a outros dez ou vinte, ou cem annos será expressão de uma verdade — o desconhecimento completo de uma gloria nossa nacional pelo indifferentismo dos brasileiros por tudo quanto póde constituir o thesouro real e valioso das riquezas patrias.

Somos assim. É uma questão de indole. Preferimos embalar os nossos sonhos de orgulho com a enuñheração insupportavel dos talentos innumerous e nativos que tem esta terra, dos seus rios gigantes, serras a desafiarem os céus (quando entretanto não temos nenhuma n'essas condições visuaes), etc., etc., e desprezamos os fructos reaes e existentes do trabalho e do estudo.

Vivemos, ou empuxados por impetos de fôfa vaidade, ou então debaixo da pressão de avassalador abatimento.

Depois de larga época em que o Brazil era cantado quasi como a primeira das nações do mundo por ter palmeiras e sabiás, estamos agora em pleno periodo de deprimente descrença e do mais absoluto desanimo, sobretudo em materia de bellas lettras e artes.

Tudo é ruim, nada presta. Estamos em plena barbaria: só valem alguma cousa o vozear dos prophetas da desgraça e a grita de ridiculos iconoclastas, a prégarem suas estapafurdias idéas do alto de montões de ruinas.



UMA GLORIA DESAPRECIADA

O PADRE JOSÉ MAURICIO



I

Quando a familia real aportou em 1808 ao Brazil, o grande compositor brasileiro padre José Mauricio Nunes Garcia tinha de idade 41 annos ⁽¹⁾ incompletos e, muito embora pauperrimo, e em extremo modesto, gozava já no Rio de Janeiro de extensa e lisongeira nomeada como musico de larga esphera e eximio improvisador no orgão, no piano, no cravo e na viola de cordas metallicas.

Mestre de capella da Sé antiga desde 1798 ⁽²⁾, e senão o mais notavel dos discipulos do *Conservatorio dos Negros* primitivamente fundado na fazenda de Santa Cruz pelos jesuitas para a edu-

⁽¹⁾ Nascera a 22 de Setembro de 1767. *Revista do Instituto Historico*, tom. 19, pag. 355.

⁽²⁾ Idem.

cação musical dos homens de côr ⁽³⁾, como quer o Sr. Joaquim de Vasconcellos na sua obra *Os musicos Portuguezes*, pelo menos filho aproveitado das tradições d'aquella util instituição que devera ter cessado com a expulsão dos seus organisadores, empregára sempre José Mauricio tantos esforços, tamanha actividade e tão grande somma de talento no desempenho cabal do seu cargo, que, desde os primeiros dias da chegada da côrte portugueza ao Rio de Janeiro, mereceu do principe regente D. João attenções especiaes e assignalada protecção.

D'ahi ciumes e sérias queixas na colonia dos artistas trazidos de Portugal; d'ahi o verdadeiro alvoroço de triumpho com que os gratuitos inimigos de José Mauricio, os invejosos da sua capacidade e até virtudes, acolheram a noticia de que fôra chamado de Lisboa o celebre Marcos Portugal para vir dirigir as já pomposas festas de igreja que, sem cessar succediam-se na capella real, em S. Christovão e na fazenda de Santa Cruz, e, com importante reforço de cantores e instrumentistas, dar-lhes maior realce.

Competencias de nacionalidade que iam surgindo, e talvez mais do que tudo preconceitos ardentes de côr, avivavam vehementes odios que o genio calmo de José Mauricio, sua indole meiga

⁽³⁾ *Os musicos portuguezes*, por Joaquim de Vasconcellos, tom. I, pag. 114.

e superior, sua assiduidade e consciencia no trabalho, seus desejos de agradar não podiam, já não diremos vencer ou derrocar, mas pelo menos minorar (4).

Foi em 1811 e não em 1813, como affiança Porto Alegre (5), que desembarcou no Rio de Janeiro o famigerado Marcos Portugal cujo nome, conseguindo transpôr as raias da sua patria, era repetido com applauso em toda a Italia e repercutia até na Russia, onde foram de 1793-1796 representadas, depois de traduzido o libretto, tres das suas 29 operas.

Apenas de chegada, correu Marcos Portugal ao paço de S. Christovão a beijar a mão do regente e da augusta familia, e d'elles teve tal recebimento de agrados e amabilidades que aos desaffectedos de José Mauricio pareceu irremediavel a sua desgraça, como então se chamava o retrahimento do favor dos principes.

— Ha aqui um homem de côr, disse a princeza D. Carlota para o maestro, que tem muito geito para a musica.

— Já ouvi contar, respondeu Marcos Portugal.

— Mas quero o seu juizo...

(4) O Sr. Joaquim de Vasconcellos referindo as lutas a que esteve sujeito José Mauricio, faz justiça ao seu caracter elevado. Tom. II, pag. 65.

(5) *Revista do Instituto*, tom. 19, pag. 35.

— Obedecerei a Vossa Alteza Real... Creio que domingo...

— Não esperarei por domingo. Venha cá amanhã que mandarei chamar o José Mauricio... Traga uma musica nova. Veja bem que o regente costuma chamal-o o *novo Marcos*...

Empallideceu de despeito o autor do *Demofoonte*, inclinou-se e sahio.

No dia seguinte com effeito encontraram-se á tarde em S. Christovão os dous artistas ; um, todo cheio dos seus triumphos e glorias, naturalmente arrogante nos modos, cercado do immenso prestigio que lhe haviam dado os applausos das platéas do mundo civilizado, possuido do seu papel de autoridade suprema e incontestavel ; outro, José Mauricio, mulato, pobre, timido, artista totalmente desconhecido fóra de limitado circulo, alheio á influença dos grandes centros da Europa, desajudado das lições dos mestres, sem ter nunca sahido da colonia, entregue ás suas proprias inspirações e havendo ganho o pouco que era a poder de disposição natural, muito estudo e esforço.

Dirigiram-se para os aposentos particulares da princeza D. Carlota; Marcos Portugal adiante, com a compostura de sobranceiro juiz ⁽⁶⁾, José Mauricio atraz, todo perturbado, fulo de emoção,

⁽⁶⁾ Veja-se a carta de Santos Marrocos cit. pelo Sr. Joaquim de Vasconcellos, tom. II, pag. 63.

e tão inquieto do que se lhe ia succeder que as mãos lhe tremiam, muito embora buscasse dominar-se.

Já estavam os príncipes sentados n'uma sala, em que se ostentava, não um modesto cravo, mas um legitimo piano forte de fabricação ingleza (7), rodeados de pessoas da côrte especialmente convidadas para aquella singular e inesperada exhibição e exame dos merecimentos do organista da Cappella Real.

Depois de obtida a devida venia, desenrolou Marcos Portugal com calculada solemnidade uma musica que trazia e passou-a a José Mauricio, perguntando-lhe se já ouvira fallar n'aquelle autor.

Era uma das mais difficeis sonatas de Francisco José Haydn.

Com voz sumida e a gaguejar, respondeu o padre que ha muito conhecia grande parte do repertorio do eximio mestre (8), a quem dedicava culto especial, collocando-o acima de Haendel, do mesmo Mozart em certas composições e a par do divino Sebastião Bach.

(7) Naturalmente da fabrica de Broadwood, de Londres, a qual succedera a de Zumpe creada em 1760 e cujos instrumentos conservaram merecida reputação até nossos dias. No paço de S. Christovão ainda ha pianos desse autor.

(8) « José Mauricio possuia a collecção mais completa de musica que havia no Brazil, e mandava vir constantemente as melhores composições que appareciam na Allemanha, Italia, França e Inglaterra»—Joaquim de Vasconcellos—*Os musicos portuguezes*, tom. I, pag. 114.

Mostrou-se Marcos Portugal não pouco admirado.

— Então por cá já sabem disso? exclamou com enfado. Estão bem adiantados. Na Italia são nomes quasi desconhecidos.

— Pois, Sr. José Mauricio, ordenou a princeza D. Carlota, faça-nos ouvir esta novidade.

— Nunca toquei esta sonata, objectou o padre, e Vossa Alteza...

— Mas dizem que você tira musica á primeira vista, como quem lê letra redonda... Sente-se, sente-se ao piano.

Não havia recuar.

Obedeceu o artista, e aos primeiros acóordes feridos fez-se completo silencio.

Começou a sonata.

A principio José Mauricio, se não claudicou, pelo menos mostrou tibieza e frouxidão na execução.

A pouco e pouco, porém, foi-lhe voltando a salvadora calma. Concentrou-se, chamou a si toda a sua energia e, reagindo contra o abalo que lhe escurecia a vista e lhe prendia os dedos, foi levando de vencida todas as difficuldades d'aquella primorosa obra, já esquecido da côrte e das miserias do mundo e entregue de corpo e alma ás maravilhosas deduições do insigne allemão, cujas paginas interpretava com expressão e facilidade, cada vez mais pronunciadas.

D'ahi a instantes tambem, pertencia elle exclusivamente á grandeza da concepção que ia vivificando de modo todo pessoal, fazendo jorrar dos seus dedos, já firmes e de novo escravos submissos da intelligencia e do sentimento, bellezas sem conto, que em todos os ouvintes infundiam pasmo e indizível enleio.

Muitos, voltados para Marcos Portugal, liam na physionomia do orgulhoso musico a successão das impressões que o estavam gradualmente avassalando, physionomia no começo fria, desdenhosa, ironica, logo depois attenta, surpresa e por fim cheia d'esse enthusiasmo expansivo que a alma verdadeiramente artistica não póde occultar e que irrompe com força incoercível, na lealdade dos seus arrebatamentos.

José Mauricio, porém, nada via. Estava todo com Haydn.

No andante deu tal melancolia ao thema dominante, fez por tal fórma realçar a phrase melódica que nas composições de Haydn perpassa insistente, como indecisa chamma, por sobre torrentes de harmonias encadeadas, arrancou do piano vozes taes, tão plangentes e novas—as lagrimas de que falla Mozart ⁽⁹⁾— que por toda a

⁽⁹⁾ «Ninguem, dizia Mozart, tem mais delicadeza no gracejo nem mais lagrimas na emoção do que José Haydn. Só elle é que possui o segredo de fazer-me sorrir e levar-me a impressão ao intimo da alma.»

sala e contra as regras da etiqueta circulou um sentido bravo.

Continha-se, porém, o arbitro supremo de quem tudo dependia ; mas quando José Mauricio atacou o *presto* final e, sem discrepar uma nota, com a nitidez de magistral execução, destrinçou os motivos que aos quatro e cinco se travam intimamente n'aquelle estylo fugado de pasmosa riqueza e exuberancia, Marcos Portugal não teve mais mão em si, pôz-se, talvez máo grado seu, de pé, e ao morrerem as ultimas e vigorosas notas da sonata, precipitou-se para aquelle que de repente se constituira seu igual e, no meio dos applausos dos principes e da côrte, apertou-o nos braços com immensa effusão.

— Bellissimo! bradou elle, bellissimo! És meu irmão na arte ; com certeza serás para mim um amigo.

Voto sincero, arrancado do fundo do coração, mas que se não realisou senão muitos annos depois, separados, um do outro, aquelles dous robustos talentos, dignos da estima e do apreço reciprocos, por baixas intrigas e violentos odios, de que foi sempre victima nobre e resignada o illustre compositor brasileiro.

II

O episodio que deixamos narrado com pallidas côres e que nos foi contado com toda a

vivacidade e individuação por uma testemunha quasi de vista, a qual nos merece o maior respeito e confiança, proporciona-nos favoravel ensejo para varias reflexões e rectificações de erros, além de algumas approximações e referencias que tem o seu lado incontestavelmente util e interessante.

Primeiro que tudo obriga-nos a fallar com insistencia no nome de um dos homens mais illustres que esta terra até agora produziu; nome infelizmente ainda não cercado do prestigio a que tem direito, vagamente conhecido por alguns, apreciado na cabal medida do que representa por muito poucos, e para a maioria dos brasileiros perfeitamente desprovido de qualquer significação.

Se de vez em quando, lá de longe em longe, apparece nos annuncios de festividades religiosas esse nome, parece elle nada mais ser do que uma reminiscencia de tempos idos, recordações da época de D. João VI, a que ninguem deve dar importancia. Rarissimos são pois, n'esta cidade do Rio de Janeiro, aquelles que acodem ao chamado, com a convicção formada de que vão ouvir trechos de musica de valor incontestavel, elevadissimo, obra emfim de um grande mestre, na extensão da palavra.

A sua reputação está por emquanto encerrada dentro do limitadissimo circulo de artistas que compõem a orchestra das nossas Igrejas em dias

de solemnidades, e de um restricto grupo de entendidos e *dilettanti*, quasi todos avelhentados e contemporaneos do nosso mal julgado compatriota.

É comtudo mais que tempo de reagir contra esse deploravel abandono que depõe antes do mais contra o nosso gosto, deixando em quasi espessa sombra um vulto que nos honra e que na Europa já devêra ser acatado como gloria musical, e gloria brasileira.

As numerosas composições do padre José Mauricio constituem precioso thesouro que tem sido até aos nossos dias tratado, digamo-lo francamente, com a maior indignidade. Espalhados por mãos de particulares que lhe não sabem a valia, ou amontoadas desordenadamente no archivo da Capella Imperial, debaixo de espessa camada de poeira, *não ha uma unica d'ellas impressa*, de maneira que nos manuscriptos já se deram perdas e truncamentos sensiveis, irremediaveis, fructo da ignorancia, da desidia e do feio esquecimento.

Convém quanto antes atalhar o mal.

Não temos tanta gente que falle de nós ás nações civilisadas, para que estejamos tratando de resto o pouco que nos pertence e impedindo, com o nosso habitual e vergonhoso indifferentismo ás cousas da arte, que um compositor da ordem de José Mauricio seja applaudido pelo mundo inteiro e collocado a par dos maiores mestres de musica

sacra, que a Allemanha, a Italia e a França apresentam com orgulho.

Será de certo uma reivindicação tardia, mas que ainda assim nos hade engrandecer.

Quando ministro do imperio o Sr. conselheiro João Alfredo Corrêa de Oliveira, fallei-lhe com instancia na urgente necessidade de encarregar alguns professores intelligentes e habilitados do estudo sério e aprofundado de toda a obra daquelle eminente brasileiro.

Pedia eu, quando menos, a reduçãõ para piano, das suas composições mais salientes — por exemplo: o admiravel *Requiem* que um musico distincto não duvidou comparar com o do divino Mozart — devendo aquellas reduções ser impressas na Europa, por preço relativamente insignificante.

S. Ex. com aquelle espirito atilado e incisivo que o torna, como estadista que é, umã das grandes esperanças do Brazil, vio logo o alcance de semelhante idéa, acolheu-a com real satisfação, mas nada pôde fazer, porque pouco tempo depois deixava de ser ministro.

Não fallamos levado por exaggeração patriotica, por esse *brazileirismo* mal fundado e quasi ridiculo que durante certo periodo foi uma das causas do atrazo intellectual e material do Imperio; não, sobre José Mauricio, ha opiniões da maior competencia e imparcialidade, como em tempo mostraremos.

Consultem-se as autoridades na materia; ouça-

me o juizo dos profissionaes que conhecem e estudam José Mauricio, e verificar-se-ha que não são improcedentes, de um lado o enthusiasmo que nos incute esse mestre, e de outro o desgosto por vê-lo tão menos-cabado na patria que d'elle devêra, ha longo tempo, ufanar-se e para a qual tanto trabalhou, sósinho, cercado de inimigos, desajudado de todos os meios que encaminham os homens á felicidade, e ás grandezas, mas cheio d'aquella chamma, d'aquella confiança no futuro e inspiração, que os levam á immortalidade.



QUESTÕES PHILOLOGICAS

I

CARTAS ASSIGNADAS E ANONYMAS: DUVIDAS QUE ESTAS EXPENDEM

Depois que a *Gazeta de Noticias* começou a publicar alguns d'estes *Estudos criticos* agora reimpressos, não pequeno numero de cartas recebi, umas assignadas por pessoas amigas e conhecidas minhas, ou desconhecidas, outras — e estas mais frequentes do que fôra de suppôr — subscriptadas por simples iniciaes ou pseudonymos; aquellas apologeticas e até enthusiasticas em suas benevolas expressões, incitando-me a continuar e affiançando-me leitores assiduos e impacientes; estas mais severas, ás vezes bastante espinhosas e tomando-me sérias contas de pretendidos lapsos grammaticaes, gallicismos e até solecismos.

Grata satisfação, escusado é dizer, infundiram-me as primeiras, embora reconhecesse que os elogios ião muito, muito além do que podiam merecer

os meus esforços; menos agradáveis me foram naturalmente as outras, por isto que todos nós temos epiderme sensível; mas não ha duvida, todas essas cartas vivamente me interessaram.

Mostraram á evidencia que esses meus trabalhos conseguiram alguma attenção; provocaram commentarios, censuras e applausos; symptomas emfim, de uma curiosidade litteraria em verdade auspiciosa.

Receio parecer immodesto; mas desculpar-me-hão, pois fallo, ainda d'esta vez como critico, n'um facto que se me afigurou algum tanto significativo. Pessoas houve que, por lhes parecer bom ou máu um folhetim, não o atiraram logo para um lado depois de lido, esquecendo-se sem demora do que as impressionára de modo favoravel ou desfavoravel. Não; pegaram na penna, exararam com franqueza ao auctor o seu juizo, e por fim gastaram um sello de 100 rs. para entregarem essa carta de encomios ou censuras aos cuidados do correio!

D'esse inesperado incitamento é que proveio, durante algum tempo, mais alguma actividade litteraria da minha parte.

Que queremos, com effeito, nós escriptores do Brazil, a não ser um pouquinho de bôa vontade de alguns, quando não muitos leitores? Já que é impossivel aqui, totalmente impossivel, viver das lettras, já que não ha esperanças do *proveito*, venha pelo menos alguma *fama*, seja ambicionado o re-

nome, e tome-se por tentador objectivo ganhar do publico alguma consideração e estima.

Não sejamos, nós que escrevemos, levados, empurrados só por essa força latente, incoercível, de que já fallei, o *est Deus in nobis*, que nos obriga a, sem cessar, rabiscarmos papel, máu grado todos os desanimos, e contando de antecendencia com absoluto indifferentismo. Experimentemos tambem algum influxo de fóra.

Aliás aos outros custa tão pouco dispensar esse influxo!

Basta querer lêr; basta não julgar os que trabalham assim a esmo, com ridicula facilidade, *a priori*, sem provas seguidas de que são ou não dignos de algum apreço.

Não temos ainda um circulo de leitores dispostos a comprar livros nacionaes e a sustentarem revistas; mas, sem contestação, já os ha que seguem com cuidado tudo quanto lhes expõe diariamente o jornal, repartindo a attenção pelas novidades da vespera: fuga do *Russinho*, assassi-natos, discussões estereis da politica, e por fim materias litterarias e scientificas.

Como o nosso movimento jornalístico vai rapida e progressivamente em augmento, prepara elle o caminho para a revista, e afinal para a aceitação dos livros de origem brasileira. Console-nos, nas horas do desalento, essa esperança, que talvez se realise mais depressa do que se

acredita, e façamos como o imperador Septimio Severo já entrado em agonia: *laboremus!*

Vamos, porém, ao caso.

Os meus ultimos folhetins sobre o livro de Salvatore Farina provocaram, como aconteceu com outros anteriores, a apparição de uma carta, que por assignatura trazia modestamente *Um litterato da roça*; carta cuja procedencia me foi revelada pela indiscrição do carimbo do correio: Estação do Itatiaya, estrada de ferro D. Pedro II.

Depois de algumas palavras encomiasticas, que sinceramente agradeço, faz o signatario grande cabedal de phrases que, no seu entender, constituem evidentes *gallicismos* e até *solecismos*.

Em attenção á fórma delicada das suas observações — *suaviter in modo* — julguei dever dar prompta e aliás facil resposta a todas ellas, aproveitando tambem o ensejo para me occupar hoje com um factó philologico que me parece interessante.

Não assiste, porém, ao Sr. *litterato da roça* razão alguma nas censuras que me faz.

Refere-se a primeira á seguinte locução — *situação que tráçamos*, e esse *traçámos* lhe cheira a gallicismo: preferia *delineámos*, *debuxámos*, *bosquejámos*, etc. Sem discutir preferencias, repetirei: não tem logar, não tem cabimento a sua suspeita. Senão, abra a *Historia da Origem do Estabelecimento da Inquisição em Portugal*, á pagina 52 do tomo 1.º, e lá encontrará: « Do rapido bosquejo que tra-

çámos, etc. » e diante de Alexandre Herculano não ha senão curvamos a cabeça, sem truz nem buz.

Lembra-me este rigorismo a desconfiança dos entusiastas do quinhentismo com relação a phrases e palavras que são, comtudo, puras e perfeitamente classicas. Assim, já encontrei, agora não posso indicar o trecho, mas já encontrei no Manuel Bernardes *d'este ponto de vista*, que alguns condemnam sem remissão.

Entende outro reparo do *litterato da roça* com — « as *villas* (casas de campo, quizera elle que eu dissesse) em que *parecem residirem* a felicidade e o descuido, etc. » O infinito pessoal causou-lhe alli muito incommodo, mesmo muito! Diz-nos que o *parece* deve ser posto entre virgulas, indo o verbo do tempo finito para a terceira pessoa do plural no modo indicativo.

Perfeitamente de accordo; mas tambem perfeitamente excusado.

Só nos mostra uma cousa, é que o critico leu com attenção a *Gazeta de Noticias* de 24 de Março, mas não a do dia seguinte, 25, na qual vinha uma errata minha n'aquelle mesmo sentido. A culpa, pois, dos dois pluraes não me deve ser lançada á conta, porque não estavam no original que entreguel á typographia.

Usam, comtudo, auctores de bôa nota, e muito mais frequentemente, da locução menos elegante, é certo, mas correctissima — *parecem residir*; di-

zendo outros com muita belleza, mas duvidosa exactidão, *parece residirem*, dando o plural tão sómente ao verbo no infinito.

Arredada a responsabilidade no caso vertente, convém, no entretanto, não condemnarmos, nós dois, tão peremptoriamente o *parecem residirem*, por isto que grandes vultos da lingua o absolvem de todo, e até o auctorisam.

O infinito pessoal é para a lingua portugueza regalia de tal ordem, constitue privilegio tão excepcional, que ha sempre tendencia em abusar d'elle. Basta hoje que o verbo no tempo finito esteja duas ou tres palavras distante do verbo no infinito, para que este tome logo a alteração do pessoal, embora tenham ambos o mesmo sujeito. Abundam exemplos; mas ainda vamos além.

No capitulo 1.º da novella historica *Arrhas por foro de Hespanha*, diz o eminente Alexandre Herculano: « O sino das ave-marias, ou da oração, tinha dado na torre da sé a ultima badalada e pelas frestas e portas d'essa multidão de casas, que, apinhadas á roda do castello e como enfeixadas e comprimidas pela apertada cincta das muralhas primitivas de Lisbôa, *pareciam mal caberem* n'ellas, etc. »

Temos ahi ou não o correspondente ao *parecem residirem*?

Então quando vêm, dissemos acima, palavras interpostas, o infinito toma sempre a fórma

peçoal. Ainda n'aquella mesma novella achámos : « os demonios, por entre as folhagens, *pareciam*, com as visagens truanescas, *escarnecerem* da colera, etc. » e mais adiante : « os cães *forcejavam* por se *atirarem*. »

Outra duvida do Sr. *litterario da roça*, e esta digna de mais desenvolvimento, é referente ao emprego da palavra *atufar* no sentido de *immergir*, *affundar*, quando entretanto os dictionarios só lhe dão o significado de *encher*, *inchar*, *entumescer*; de maneira que a phrase — o sol atufava-se nas aguas do lago — não é propria nem cabida.

Na verdade, Moraes e Domingos Vieira trazem *atufar* e *entufar* como synonymo só de *encher*, *inchar*, e, figuradamente, *ensoberbecer-se*, etc., citando ambos o seguinte verso de Felinto Elysio :

« *Licór de oliva entufa plenas pelles.* »

Familiarmente tambem se costuma dizer *estufado* por *inchado*, quando devêra ser *entufado*, pois *estufado* procede de *estufa*, cousa muito differente.

Ateve-se, porém, o Sr. *litterato da roça* demasiado aos nossos dictionarios, que são, em geral, muito falhos. *Atufar* vem directamente do italiano *attuffare*, cuja primeira significação é mergulhar, immergir, tendo a palavra consoantes dobres para produzir na pronuncia um som ono-

matopaico de cousa que cahe n'agua e se affunda, fazendo arruido.

Aliás dos mesmos dictionarios citados, tiramos uma illação ponderosa para o caso.

Dizem elles — *atufar ou entufar, fazer tufos.*

Procuremos á palavra *tufos* o que exprime ella, e acharemos — « *bolhão d'agua que rebenta e gorgulha grossa.* » De que modo poderá um objecto, um corpo fazer tufos, bolhas grossas d'agua e espadanar? Cahindo n'ella, mergulhando, immergindo, etc. Em italiano diz-se por ampliação *attuffarsi ne'diletti, ne'vizi, esser attuffato nel sonno*, etc.

Não tenho á mão nenhum exemplo de clasico; mas já vi *atufar-se* no sentido que lhe dei.

Em hespanhol tem este verbo a significação de *zangar-se, arrufar-se*, etc., como tambem póde tel-o em nossa lingua, pois a colera como que faz inchar, d'onde em portuguez antigo a palavra *incha* ou *encha* para exprimir raiva, furor. O estudioso Sr. Dr. Menezes Brum, no seu primeiro *Estudo da lingua portugueza*, cita-nos o seguinte verso: *O conde per encha e pro comunal*, etc.

Parecendo-nos as outras observações do Sr. *litterato da roça* de somenos importancia, aproveitemos agora a epigraphe do presente assumpto para tratarmos do factio philologico interessante, a que alludimos acima.

II

A PALAVRA NECROTERIO

Nos dictionarios mais completos debalde se procuraria ainda hoje esta palavra, que é com-tudo quasi todos os dias empregada nos jornaes do Rio de Janeiro; já foi aceita em Lisboa, póde tornar-se de uso universal, e, em vista da sua etymologia grega, introduzir-se em todas as linguas.

Serve ella para designar o local sagrado e reservado pela caridade publica para dar abrigo aos cadaveres de pessoas encontradas mortas nas estradas, ruas e praias, e expostos até serem requisitados pelos parentes e amigos, ou então dados á sepultura pelos cuidados da administração geral. É o que se chama em Pariz *la Morgue*, palavra derivada do antigo verbo francez *morguer* ⁽¹⁾ — *olhar, espreitar* — e portanto inadapavel á lingua portugueza.

Como é sabido, em principios de 1872, o illustrado Sr. Dr. Antonio Ferreira Vianna, presidente da camara municipal de então, teve a louvavel idéa de remover o *deposito de cadaveres* da ladeira da Conceição, onde occupava um quartinho escuro e indecente, para lugar e construcção mais apropriados áquelle fim, e empenhou todos os

(1) *Maxime du Camp* — Paris, ses organes, tomo 1.º

esforços afim de levar á conclusão essa obra, a que se ligavam idéas religiosas e humanitarias.

Para honra sua e da capital do Imperio, vio corôados esses esforços, e, no dia 5 de Janeiro de 1873, era o singelo e mortuario edificio aberto ao serviço, a que fôra destinado.

N'essa occasião, procurou o digno presidente alguma palavra derivada de lingua morta que concisamente denominasse aquella lugubre casa, e deu d'isso encargo ao seu particular amigo, o Sr. Dr. Costa Ferraz. Encontrando-me esse intelligente e activo medico, tão conhecido n'esta côrte, no escriptorio de advocacia do Dr. Mello Mattos, companheiro commum nos bancos do Collegio de Pedro II, passou-me aquella incumbencia.

Ensaiei então diversas combinações, attendendo sempre á regra que manda, na formação de palavras novas, tirar os elementos agglutinantes, todos da mesma lingua; regra, aliás, a que faltou Augusto Comte no vocabulo hybrido por elle creado — *sociologia*, hoje, aceito universalmente e indispensavel.

Depois de algumas tentativas, assentei na palavra *necroterio*, de *teréo* ^(²) (protejo) e *necros* (mortos), eliminando o *s*, como acontece na com-

(²) *Teréo* significa tambem olhar, observar; *morguer*, diria o francez antigo.

posição identica de *necropompo*, *necroboro*, *necropernas*, *necrophobo*, e tantas outras; palavra que tinha ainda a vantagem de se approximar muito de outra, introduzida pelos padres da igreja na baixa latinidade — *cemiterio* (lugar do somno).

No dia seguinte levei o que me fôra pedido e, pouco depois appareceu em letras gothicas na arcada da porta principal do novo edificio o vocabulo de recente formação, mas ahi com um *s* — *necrosterio* — como ainda está; o que, porém, constitue erro, por isso que o verbo é *teréo* e não *stereo*.

Tirava o padre Bluteau, autor de um dictionario, algum tanto valioso, e de obras classicas confusas e pesadonas, grande ufania de haver popularisado na lingua portugueza a palavra *pyrilampo*, se é que a não creára; pois o nome vulgar dado áquelle luminoso insecto offendia a *pruderie* da gente bem educada.

Mais conforme ao grego fôra comtudo *pyrolampo*, e segundo nos informa o nosso douto amigo Thomaz Alves Nogueira, nas lições de Aristoteles apparece já *pyrolampis* e *pygolampis*.

Não quer isto significar desvanecimento meu, por ver aceita uma palavra que, embora lugubre, é commoda e expressiva; achei, porém, curioso deixar com exactidão assignalado o modo porque em 1873 appareceu, pela primeira vez no Rio de Janeiro, um vocabulo que tende a generalisar-se, entre nós e no exterior.

Aqui notarei que o *necroterio* desta capital deixa muito longe de si a *morgue* de Pariz, cujo tetrico aspecto e acanhadas proporções impressionam mal e entristecem desagradavelmente o viajante, que vai visitar aquelle sinistro albergue de mortos.

Custou o *necroterio* 24:300\$000. O gradil e rampa para o mar 6:000\$000.

Foi a primeira pedra collocada no dia 26 de Fevereiro de 1872, e o edificio ficou concluido em fins d'aquelle anno.

III

GALLICISMOS

Querer desconhecer e negar a acção e, mais que isto, a interferencia poderosissima e continua da lingua franceza no idioma escripto e fallado em Portugal e no Brazil, sobretudo desde os meados do seculo passado, fôra tarefa quasi paradoxal pelas innumeradas e incontestaveis provas d'essa influencia, tão evidente, quanto constante e diaria.

É mais uma manifestação da superioridade e supremacia intellectual e litteraria da nação franceza e do universal poder de diffusão de idéas e tendencias, que constitue legitimo apanagio seu e tamanha realidade dá ao retumbante apophthegma de Victor Hugo: « Pariz é o cerebro do mundo! »

Muito mais preso sempre esteve Portugal, quer directa, quer indirectamente, á Inglaterra do que á França, e da sua completa subserviencia politica por largos annos, da sua vida em commum e extensas relações commerciaes, não guardou, no seu modo de dizer as cousas e na lingua, senão ligeiros indicios.

São, na verdade, os anglicanismos um tanto raros no portuguez, e os vocabulos ou locuções d'aquella derivação e origem, aceitos na conversação ou no estylo geral, ainda não tiveram direitos plenos de naturalisação e conservam a pronuncia ou o grypho caracteristicos do estrangeirismo, com excepção de poucos; como por exemplo, *doca*, *brigue*, *cheque*, etc., e *desapontamento*, que pela primeira vez Garrett empregou, ou a phrase de bom cunho parlamentar *em ordem a*, correntemente usada hoje.

Muito pelo contrario, fervilham os gallicismos e vão estabelecendo legitima vassalagem, prometendo cada vez mais ganhar terreno e alargar os já tão vastos dominios seus, principalmente depois que o Brazil se tornou, em todos os ramos de conhecimentos, um dos clientes mais assiduos da França, no commercio de livros.

Forão então dous povos, cada qual por seu lado, a modificar, em sua litteratura, quer por descuido, quer pelas necessidades da vida hodierna, muito mais complexa e scientifica do que a dos

seculos transactos, o idioma de que ambos se servem, apezar dos protestos e esforços de alguns espiritos bem intencionados e puristas que, aqui entre nós como no velho continente, bradam contra as innovações impuras e os *neologismos* dispensaveis ou viciosos, e appellam para os grandes modelos da lingua, os prosadores do seculo decimo sexto e principios do decimo setimo.

Que ha vantagem e serio proveito em compulsar e acuradamente estudar aquelles conscienciosos escriptores, não padece duvida. A linguagem e phrase de Mendes Pinto, Lucena e Frei Luiz de Souza, que de entre todos menciono com particular affecto, pois os manuseio de preferencia, são de uma correcção e singeleza inexcediveis.

O philologo allemão, que media o grão de pureza classica do portuguez pela obscuridade, amplificação e gongorismo do estylo errou, ou deve em todo caso, guardar esse seu modo de julgar para os tempos de decadencia, iniciados pela vertiginosa exuberancia de Vieira, o grande mestre, comtudo. Assim tambem nas artes, foi a influencia de Miguel Angelo altamente perniciosa, dando o seu fogoso e colossal genio nascimento a escolas bastardas e exaggeradas.

O que particularmente distingue os preciosos modelos acima apontados, é a limpidez da locução e a despretenção do estylo. Corria-lhes a penna facil e de feição, aos mestres, e em toda a formosa

integridade explanava com a maior exacção e ductilidade quanto lhes ministrava o pensamento em suas honestas elucubrações.

Pena e muito pena, é, de certo, que esses notaveis estylistas, que devassavam como que instinctiva e innatamente os menores segredos da nossa bella e complicada lingua, empregassem a graciosa e artozoada dicção em assumptos aridos, seccos, mais ou menos despidos de interesse intrinseco e tão infantís na pluralidade dos casos; de maneira que para os lêrmos hoje, se torna preciso não só ter tempo que desperdiçar, como espirito despreoccupado, ou antes inclinado aos estudos philologicos. O que vamos buscar n'esses classicos é menos a informação historica proficua, ou o simples deleite e entretenimento, do que quasi exclusivamente a lição phraseologica e grammatical e a amenidade de estylo a revestir de galas e prestigio reflexões de discutivel valor, narrações inverosimeis, argucias theologicas e observações ou conceitos de ingenua puerilidade.

Será, com excepção de poucos trechos, de penosa leitura a traducção em qualquer lingua estrangeira da *Vida de Frei Bartholomeu dos Martyres*. Lido, entretanto, na nossa, difficil é encontrar livro mais cheio de encantos, novidades e gratas sorpresas para quem, desprezando ou tendo em pouco o fundo da narrativa, quer apreciar a maneira acertada, exacta, airosa e simples de dizer

e de contar, sendo todas as idéas e intenções expressas sem o mais apparente esforço, sem meios desusados e forçados, sem artificio algum — crystallino regato a deslizar mansamente por sobre leito de finissimas e alvas arêas.

A nós, brasileiros, muito mais facil é entendermos bem os grandes classicos portuguezes, ficando na completa posse de todos os seus intentos e bellezas, do que a muitos escriptores contemporaneos de Lisboa, cujas obras, alem do estylo confuso, vêm inçadas de uma terminologia especial, a indicar-nos, ou affectação de menospreço pela lingua que manejam, ou então ensaios de restauração de vocabulos obsoletos, que de todo perderam já a significação e o alcance primitivos.

E, devêras, é esse um dos nossos grandes males actuaes. Quando o portuguez é opulentissimo em sua synonymia, por tal fórma se foi restringindo e reduzindo o vocabulario usual, que de presente é limitadissimo o numero de palavras á disposição do escriptor ou do orador, tendo elle que gyrrar em apertado circulo de termos e phrases, se quizer ser lido ou ouvido, sem incorrer na desagradavel pécha de pedante.

Abramos, no emtanto, o mais falho dictionario, e em qualquer pagina veremos a riqueza e energia de expressões que estão esquecidas, atiradas á margem e nunca mais talvez entrarão na circulação, a prestar serviços ao pensamento. D'esse

ponto de vista, é a lingua portugueza vastissimo cemiterio, em que jazem no mais pesado olvido preciosos vocabulos, que dariam comtudo grande magia, brilho e concisão á phrase, dispensando muitos circumloquios.

Iniciaram-se poucos tentamens felizes n'esse bom sentido. Muito pelo contrario. O que de proposito buscam é introduzir palavras e locuções inteiras, algumas até contrarias á indole do nosso idioma, antinomicas; quando este as tem perfeitamente correlatas e do maior acerto. Ainda ha dias vi, n'um estimavel e applaudido escriptor, talento aliás de indiscutivel valia, phrases completas que, assim de relance se subtrahiam á comprehensão pelo absurdo da derivação pariziense. Já não era simplesmente *fazer seu piano, fazer parada, flaneria, golpe de tamtam*, etc., traducção mais que litteral de *faire son piano, faire parade, flânerie, coup de tamtam*, etc., mas cousa muito mais complicada e curiosa, por exemplo, *mesa carregada de bibelôtes* e *fazer trucos*, porque na gyria de Pariz se diz *bibelots* e *faire des trucs*. E comtudo *faze'r truques* ou *trucos* em portuguez castiço tem significação mui diversa do que pretendia dizer o folhetinista.

É ou não deturpar por gosto e desrespeitar conscientemente uma lingua que póde ser tida em conta de perfeita e propria para todas as necessidades e manifestações da intelligencia humana?

Não me julguem comtudo por isso no numero d'aquelles que nos mais indispensaveis neologismos veem um insulto á pureza e integridade do idioma vernaculo. Acho que devemos aceital-os de bom grado, quando, justificados pela lei do progresso, sirvam para ajudar á prompta e lucida enunciação das nossas idéas. Estamos n'um seculo apressado em sua marcha, e não podemos gastar tempo a esmiuçar, se esta ou aquella palavra é de procedencia incontestada e n'este ou n'aquelle classico já foi citada.

Que reluctancia, verbi gratiâ, poderemos sentir em acolher *emoção* ao lado de *commoção* ou *desillusão* e *decepção*, conjunctamente com *desengano*? Embora ainda repellidos, não se empregam já tanto alguns vocabulos que tem comtudo encontrado séria resistencia: *nuança*, *deboche*, *massacre*, *detalhe*? Varios lexicographos, não os admittem ainda, mas tambem por seu turno passam em silencio palavras apadrinhadas por mestres da lingua, como por exemplo *descalabro*, *desparramar*, *entrevêro*, etc.

Além disso nos nossos intransigentes classistas, em seus excessos de reacção, ha demasiado pendor a logo capitular de gallicismos muitos termos, cuja origem, entretanto, é para nós purissima, por ser directamente latina e grega. D'ahi provém sérios apuros, ao quererem escrever, atidos, como ficam, ás apertadas leis a que por gosto se dobram e a cada instante receiam transgredir.

Porque não usarmos de *imponente*, no sentido de cousa que moralmente se impõe, quando a palavra é da boa latinidade, embora tenha ahí significado de uma acção material? Pois *anecdota* não é grego puro? *Effusão, deblaterar, illusão, emigração*, e tantas outras, não são latinas?

Tenho até como prudente não levar muito longe o rigorismo, alongando-se quanto possível o raio de concessões, sem comtudo ultrapassar certos limites, pois então cahiriamos no exagero que vai tendo curso forçado—á vontade se formarem verbos, substantivos e adjectivos, uns dos outros, como por exemplo *melindrar, esplendoroso, esbelteza, criterioso* e varios mais, que os modernissimos dictionarios se viram afinal obrigados a incluir em seu seio, de envolta com muitas de clara origem e significação francezas.

Está, de certo, a lingua portugueza passando por transformações mais ou menos sensiveis; e essa modificação tem naturalmente de ser mais profunda no Brazil, onde ha elementos para constituir, senão novo idioma, pelo menos um dialecto. Para isto concorrem alguns valiosos contingentes, do que é boa prova a não pequena cópia de vocabulos e locuções de fonte tupica, de que nos devemos servir e apropriar, cada vez mais, sem o menor constrangimento e escrupulo, e até com toda a satisfação e insistencia. Do mesmo modo, em relação a varios termos de procedencia africana, que,

despidos da fôrma barbara que trouxeram, podem bellamente entrar no uso commum.

Além disto a nossa accentuação e pronuncia vão já estabelecendo notavel distincção entre o portuguez fallado por labios luzitanos ou brasileiros. O modo nosso de enunciar as palavras, doce e um tanto ciciante, dá valor a cada syllaba e ainda mais a cada letra, ao passo que o dos mestres de além mar é muito mais acelerado, eliminando as vogaes e carregando nas consoantes, o que origina peculiar aspereza que constitue o *fallar cerrado*. Constantes são as elisões e contracções, e d'ahi certas cahidas de voz, que produzem um como que cantar, insupportavel aos nossos ouvidos. Provavel é que a orthoepia esteja com elles; mas a lingua que estamos, senão formando, pelo menos arranjando ao nosso sabor, ganha com essa transgressão. O que não padece controversia é que o dictionario ultimo de Aulette não nos póde, n'este particular, ser de utilidade alguma. É-nos, pelo contrario, nocivo.

Não sou, comtudo, d'aquelles que buscam mais fundas razões de separação em erros inveterados e insustentaveis e no desconhecimento ou desrespeito da boa lição dos classicos. Acho dignos de estranheza e até censura esforços de homens doutos e autorisados, como entre outros o era Baptista Caetano, a explicarem com applauso imperdoaveis solecismos, erigindo-os em principios constitutivos.

do novo idioma brasileiro. No meu entender, por ahi não vamos bem.

Durante muito tempo a irregular collocação do pronome pessoal antes ou depois do verbo, só pela regra de maior euphonia, decidida a esmo e á vontade de cada qual, como que se tornára peculiar dos escriptores brasileiros. Hoje porém, se vão todos elles chegando ao modo regular, elegante e bem consoante de collocar esse pronome, acabando-se portanto com equivocos, que iam assumindo fóros autoritarios.

Assim tambem em relação ao *se*, indicativo ou de uma fórmula passiva ou da iniciativa tomada pelo sujeito do verbo á que vem unido ; do *se* que alguns dos nossos innovadores querem erradamente considerar exacto correspondente do *on* francez, pronome indeterminado e exprimindo uma acção praticada por homens. Manifesto é tal engano, e o emprego exacto daquelle *se* uma das regalias da lingua portugueza.

Outra e que igualmente já foi, durante bastante tempo, motivo de obscuras explicações e faltas é a boa applicação do infinito pessoal, privilegio unico e preciosissimo que, de entre todos os povos aryanos, nos ficou, não sei bem por que singularidade. Hoje em dia a tendencia é para o abuso, como ha poucas paginas atraz deixei dito, sendo raro o caso em que não fiquem indicados a pessoa e o numero expressos no modo infinito do verbo,

embora já o tenham sido no finito. Só quando os dous verbos estão immediatamente juntos. Basta, porém meia duzia de palavras intercaladas, para que um e outros tragam os assignalamentos do sujeito, a que ambos obedecem.

Diziamos pois: não é com violações e flagrantes quebrantamentos das boas leis e regras portuguezas que havemos de formar uma lingua brazileira, se é que a podemos formar.

Hoje que não poucos escriptores transoceânicos, embóra notaveis, fazem timbre em acolher com o maior desembaraço não só palavras absolutamente francezas e até da gyria dos boulevards de Pariz, como phrases já feitas, mettidas em globo, todas de molde viciado, envidemos sinceros esforços para não os acompanharmos n'essas facilidades, que por fim trarão insanaveis perturbações.


Quantas vezes não se encontra em Eça de Queiroz e nos autores da ultima evolução naturalista, *fez elle, fez ella*, em lugar de *exclamou, disse, replicou*, etc.? Então vocabulos desnecessarios e do francez modernissimo, um sem numero.

Entretanto, com palavras absolutamente identicas no portuguez e no francez póde-se *accentuar* a differença entre as duas linguas. Eis, por exemplo, a locução tão familiar, e citada até por classicos, *cortar o mal pela raiz*, que corresponde exactissimamente ao *couper le mal par la racine*. Diz porém Frei Luiz de Souza, *de raiz cortar o mal*;

e não é tão proprio, tão frizante com a vernaculidade?

Assim em muitos e muitos casos.

De tudo quanto temos dito se infere que, se foi sempre difficil escrever bem o portuguez e manejar-o com pulso vigoroso e sem vacillações, agora mais do que nunca, com esses innumerados escolhos dos gallicismos, a que desde em criança se affeicôa o nosso espirito pelo systema de educação litteraria e scientifica, toda ella colhida em livros francezes, subirão de ponto as graves difficuldades com que tinham e têm de lutar os escriptores de aquem e de além mar, para conseguirem estylo correcto e linguagem consoante com as exigencias e feição original da nossa lingua patria.



BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).